



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS -
CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

PATRÍCIA CARLA OLIVEIRA MARINHO SANTANA

**PRONUNCIAMENTOS DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA SOBRE A
PANDEMIA E(M) REPRESENTAÇÕES E IDENTIFICAÇÕES**

**PALMAS - TO
2021**

PATRÍCIA CARLA OLIVEIRA MARINHO SANTANA

**PRONUNCIAMENTOS DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA SOBRE A
PANDEMIA E(M) REPRESENTAÇÕES E IDENTIFICAÇÕES**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do Título de graduação do curso superior de Licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - *Campus* Palmas.

Orientadora: Profa. Dr^a. Carina Aparecida Lima de Souza

**PALMAS - TO
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente a partir dos dados fornecidos pela autora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

M337p Marinho, Patrícia Carla Oliveira Santana
PRONUNCIAMENTOS DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA SOBRE
A PANDEMIA E(M) REPRESENTAÇÕES E IDENTIFICAÇÕES / Patrícia
Carla Oliveira Santana Marinho. – Palmas, TO, 2021.
86 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação
em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2021.

Orientadora: Dra. Carina Aparecida Lima de Souza

1. Análise de Discurso Crítica. 2. Pandemia de Covid-19. 3.
Pronunciamentos do Presidente da República. I. Souza, Carina Aparecida
Lima de. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e
pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MARINHO, Patrícia Carla Oliveira Santana. **Pronunciamentos do presidente da república e(m) representações e identificações**. (Trabalho de Conclusão de Curso), Curso de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – *campus* Palmas – IFTO, 2021. 86 p.

É concedida ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – *campus* Palmas a permissão para reproduzir cópias desta monografia e divulgar tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. A autora reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte deste Trabalho de Conclusão de Curso pode ser reproduzida sem a autorização por escrito da autora.



Patrícia Carla Oliveira Marinho Santana

Palmas, 13 de dezembro de 2021.

PATRÍCIA CARLA OLIVEIRA MARINHO SANTANA

**PRONUNCIAMENTOS DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA SOBRE A
PANDEMIA E(M) REPRESENTAÇÕES E IDENTIFICAÇÕES**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do Título de graduação do curso superior de Licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - *Campus* Palmas.

Orientadora: Profa. Dr^a. Carina Aparecida Lima de Souza

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA



Prof^a Dr^a Carina Aparecida Lima de Souza
Orientadora
IFTO/*Campus* Palmas



Prof^a Dr^a Renata Renata Rodrigues
Cap Coluni/UFV



Prof^a Dr^a Mirelle da Silva Freitas
IFTO/*Campus* Palmas

*À mulher que, em vida, tanto me amou e que
pelo porvir eu lembrarei: Creuza Alves da
Silva, minha saudosa e querida Mãe Senhora
(in memoriam).*

AGRADECIMENTOS

A Deus – que não é privilégio dos santos, mas sim direito dos pecadores (MELO, 2019) – por ter a mim concedido o dom da existência e da docência. A Nossa Senhora Aparecida pelas bênçãos e graças que concedeu a minha família. A São Jorge, por me proteger e me apadrinhar desde o nascimento. A São Cosme e Damião por me guiarem durante os estudos.

Aos meus avós, que por serem muito sábios já sabiam minha futura profissão desde eu menina. Para isso, espalharam pela casa uma série de *brinquedos-profissões*, ao qual irreduzivelmente escolhi o quadro e o giz. Obrigada, Pai Luiz e Mãe Senhora, por terem investido afeto e confiança nos meus sonhos e no meu crescimento.

A minha mãe Nina, que foi a primeira e minha mais querida educadora. Por todas as vezes, desde que eu não pudesse ter consciência dos sacrifícios diários que a senhora fazia para me conceber. Obrigada, por ter me mostrado a educação com olhos de querer, pois foi por conta disso que meu ser-professor desatinou.

Ao meu pai Mauro, que com muita bravura sempre me protegeu, e que aos sete anos me desafiou a ler um “livro proibido”, Capitães da areia de Jorge Amado. Lê-lo camuflado em um livro didático de matemática, no chão frio da biblioteca me fez descobrir o mundo e suas desigualdades. Ali, fiquei encantada pelas questões sociais e pela leitura.

A minha família de modo geral por serem meu porto seguro.

A minha adorada orientadora, amiga e analista de discurso preferida, Prof.^a Dr.^a Carina Aparecida, que desde o primeiro período me tomou por admiração e me fez ver que a linguagem ia muito além de um conjunto de palavras sob o papel. Obrigada pela confiança, paciência, e profissionalismo durante o período de formação e escrita deste trabalho.

À banca examinadora por empenhar-se sob esta pesquisa e por tecer contribuições para o seu melhoramento.

A minha professora, madrinha, amiga e exemplo-mor de dedicação; Prof.^a Dr.^a Ana Lourdes. O caminho científico – essencial na minha formação – não poderia ter sido melhor apresentado, senão por ti. Obrigada pela companhia, amizade e todos os momentos de acolhida e incentivo.

A minha professora, melhor amiga e inspiração profissional; Prof.^a Dr.^a Mirelle Freitas. Obrigada por fazer da jornada universitária mais humana, mais aberta de possibilidades e por desconstruir e construir minha prática em sala de aula. Além de todos os momentos de conversa, aprendizagem e carinho.

Aos meus professores do IFTO, em especial: Prof.^a Dr.^a Sylmara Barreto pela bondade e dedicação nos estudos literários; Prof.^a M^a Erika Luz pela orientação e direcionamento docente; Prof.^a Dr.^a Nahete de Alcantara por todas as conversas poéticas; Prof. Dr. André Lira pela sensibilidade em tratar a literatura, bem como mostrar novas possibilidades didáticas;

Prof.^a Dr.^a Denise Lima por abrir-me os olhos sobre as políticas educacionais, pela postura e carinho. Prof.^a Dr.^a Fernanda Neves pela abordagem e abertura de caminhos sobre o cânone da lettradura; Prof.^a. M^a Poliana Brito pelo exemplo de organização e planejamento da pesquisa; Prof. Me. David Fontes por ser humano ao lidar com a sala de aula e pelo acompanhamento durante o estágio; Prof.^a Esp. Idelvania Ribeiro pela abordagem muito dedicada e inovadora; Prof. Dr. Rivadavia Porto por incentivar-me na área da investigação da linguagem no âmbito político.

Aos meus professores da educação básica, em especial: Andecywalla Marinho, André Wetmann, Cláudia, Bruna Araújo, Dulce Viebrantz, Ederval Camargo, Gleice Sote, Iara Lopes, Joselia, Krycia Barros, Laura Beatriz, Leandro Lins, Messias, Paulo Monteiro, Ranyere Vieira, Renato Albuquerque, Sarah Mariano, Samuel, Val Parreão e Vânia Rodrigues. Sem vocês minha experiência com os estudos não seria a mesma.

Ao meu melhor amigo Gabriel Estevão, ao qual tenho inestimável admiração, respeito e gratidão como fado. Aos grandes amigos que me ajudaram durante o percurso, André Borges, Camila Pereira, Carol Ferrer, Eduardo Ribeiro, Esther Vieira, Flávia Roberta, Felipe Freitas, Geovana Duarte, Geovanna Oliveira, Glauco Boettcher, Gustavo Farias, Jordana Marques, João Rodrigues (Pão), Junior Suzuki, Kaio Perroni, Kézia Silva, Magno Márcio, M^a Eduarda Maracaípe, Matheus Falcão, Mayra Barreto, Pedro Barros, Rafael Machado, Sâmara Silva, Samuel Carvalho, Sóstenes Cardoso e Witer Naves. Aos amigos, que o IFTO uniu para que a caminhada fosse menos árdua e solitária: Amanda Esquinelli, Ana Catão, Elvis Carlos, Emerson Lopes, Gabi Roxa, João Ricardo, Lisandra Maria, M^a Eduarda Lopes, Paulo Monteiro, Rodrigo Batista, Thalia Oliveira e Vinicius Bonilha.

Aos estudantes do curso de letras por confiarem em mim, para liderar a primeira gestão do Centro Acadêmico de Licenciatura em Letras (Calintras), pois nele aprendi e consegui amigos valiosos.

Às pessoas que me concederam oportunidades e confiança no mercado de trabalho. Felipe Cavalcante – Elevar Específica de Redação; D. Maria Vanda, Luciano Iegi e Melvi Aviana – Colégio Dom Bosco *Premium* de Palmas; Janaína Rodrigues, Tâmara Almeida, Marlon Moreira e Wesley Santos – Colégio Batista de Palmas.

Aos meus *super-alunos*, que me fizeram a cada aula me encantar pela educação e aprender um pouco mais sobre o processo de ensino-aprendizagem. Espero honrá-los nessa pesquisa.

Por fim, gostaria de agradecer àqueles que me ajudaram, direta ou indiretamente, na lida do fazer científico.

*O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que
já passou fome. A fome também é professora.
Quem passa fome aprende a pensar no próximo e
nas crianças.*

(Carolina Maria de Jesus).

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar representações e identificações em pronunciamentos do presidente da república Jair Messias Bolsonaro sobre a pandemia de Covid-19. Destaca-se que o modo de condução da pandemia pelo governo federal pode interferir em todos os âmbitos da vida da população. Sendo assim, o *corpus* é constituído por três pronunciamentos do presidente do Brasil no canal oficial do Palácio do Planalto, na rede social *YouTube*: dois pronunciamentos em março de 2020 e um em março de 2021. Buscou-se investigar como os pronunciamentos supracitados são relacionados com a pandemia e seus impactos na sociedade em termos de representações e de identificações. Para tanto, o estudo fundamenta-se no aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica (ADC), proposto por Fairclough (2001, 2003); Ramalho e Resende (2006, 2009); van Leeuwen (2008). A ADC apresenta uma abordagem transdisciplinar e concebe os usos de linguagens como formas de prática social. A edificação de estudos discursivos críticos é, pois, materializada em reflexões sobre as relações sociais e os usos de linguagens. Os resultados alcançados apontam representações e identificações do presidente sobre a pandemia, o que pode desvelar relações assimétricas de poder.

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica. Pandemia do Covid-19. Pronunciamentos. Presidente da República

ABSTRACT

This research aims to analyze the representations and identifications on the President Jair Messias Bolsonaro's statements about the Covid-19 pandemic. There can be highlighted that the federal government way of conducting the pandemic may intervene on the population's life, in all aspects. Therefore, the *corpus* is constituted by three assertions of the presidente of Brazil, in the Palácio do Planalto official channel, in the social media *YouTube*: two statements on March 2020 and one on March 2021. It was sought to investigate how the assertions that have been aforementioned are related to the pandemic and its impacts on society, concerning the representations and the identifications. For this purpose, the study is based on the theoretical-methodological framework of the Critical Discourse Analysis (CDA) proposed by Fairclough (2001, 2003); Ramalho and Rezende (2006, 2009); van Leeuwen (2008). The CDA presents a transdisciplinary approach and conceives the language uses as means of social practice. The establishing of critical discursive studies is, thus, embodied in ponderations regarding the social relations and the language uses. The attained results point out representations and identifications of the presidente about the pandemic, what may exhibit asymmetrical relationships of power.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Covid-19 Pandemic. Statements. President of the Republic.

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO III

Figura 3.1 – Articulação irreduzível dos momentos da prática social.....	26
Figura 3.2 – Dimensões complementares do discurso.....	28
Figura 4.3 – Significados do discurso.....	32

CAPÍTULO IV

Figura 4.1 – A representação dos atores sociais.....	40
--	----

LISTA DE QUADROS

CAPÍTULO III

Figura 3.1 – A representação dos atores sociais.....	41
Figura 3.2 – Tipos de metáfora.....	42

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO II

Tabela 2.1 – Comparativo anual da pandemia de Covid-19 no Brasil.....	22
---	----

LISTA DE ABREVIACÕES

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
ADC	Análise de Discurso Crítica
CEPEDISA	Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
COE-NCOV	Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública
GEI-ESPII	Grupo Executivo Interministerial de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional e Internacional
OMS	Organização Mundial da Saúde
RDC	Resolução de Diretoria Colegiada
SUS	Sistema Único de Saúde
SVS/MS	Secretaria de Vigilância em Saúde
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

I CONSIDERAÇÕES INICIAIS	17
CAPÍTULO II	20
A PANDEMIA ANTE ÀS REDES SOCIAIS DIGITAIS	20
2.1 Contexto de ações federais com relação à pandemia	20
2.2 Direitos do povo: informação na tela durante a pandemia	23
CAPÍTULO III	26
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: TRAVESES TEÓRICOS EM DIÁLOGO	26
3.1 A dialética entre linguagem e(m) sociedade na Análise de Discurso Crítica	26
3.2 Os significados da linguagem	33
3.2.1 Significado acional	34
3.2.2 Significado representacional	35
3.2.3 Significado identificacional	36
3.4 Gênero discursivo e o gênero discursivo pronunciamento	37
CAPÍTULO IV	39
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	39
CAPÍTULO V	44
PRONUNCIAMENTOS DO PRESIDENTE EM REPRESENTAÇÕES E IDENTIFICAÇÕES	44
5.1 Representações e identificações no pronunciamento do dia 06 de março de 2020	44
5.1.1 Representações no pronunciamento de 06 de março de 2020	45
5.1.2 Identificação do pronunciamento de 06 de março de 2020	51
5.2 Representações e identificações no pronunciamento do dia 24 de março de 2020	54
5.2.1 Representações no pronunciamento de 24 de março de 2020	54
5.2.2 Identificação do pronunciamento de 24 de março de 2020	62
5.3 Representações e identificações no pronunciamento do dia 23 de março de 2021	68

5.3.1 Representações no pronunciamento de 23 de março de 2021	68
5.3.2 Identificação do pronunciamento de 23 de março de 2021	71
5.4 Encontros entre os pronunciamentos: representações e identificações	75
7 ALGUMAS REFLEXÕES	78
REFERÊNCIAS	80
ANEXOS	84
Anexo A: Pronunciamento presidencial de 06 de março de 2020.	84
Anexo B: Pronunciamento presidencial de 24 de março de 2020.	84
Anexo C: Pronunciamento presidencial de 23 de março de 2021.	85

I CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Refletir sobre o estudo da língua em uso à luz da Análise de Discurso Crítica (ADC) é um dos modos de vislumbrar seu *modus operandi* nas relações materiais das estruturas sociais. Ao optar por esse trajeto, esboça-se uma abordagem que entende a língua(gem) como uma ação sobre o mundo que nos permite desnudar seus efeitos constitutivos e de poder como forma de dominação, bem como a própria relação dialética que traça com a sociedade.

Nesse sentido, valer-se da análise crítico-discursiva de pronunciamentos presidenciais sobre a pandemia de Covid-19 representa uma maneira de situar-se no mundo através de um olhar, linguístico e socialmente orientado. A ADC permite, pois, uma percepção das dissonâncias de poder e promove uma reflexão sobre o que é/está sendo materializado na linguagem.

De modo a colaborar com reflexões nessa óptica, esta pesquisa foi desenhada com a problemática de realizar, no gênero pronunciamento, uma análise linguístico-discursiva, a partir do viés crítico, de pronunciamentos do chefe do poder executivo do país acerca da pandemia do novo coronavírus no período de março de 2020 e 2021. Assim sendo, os estudos aqui postos visam investigar representações e identificações.

Com relação à proporção da situação pandêmica, pode-se levar em conta que a Fiocruz (2021), por meio do observatório da Covid-19, identifica-a como o maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil. Ainda, em concordância a isso, o Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário da Universidade de São Paulo (Cepedisa/USP), entende que o período pandêmico é um momento em que informações sem comprovação científica e omissões estão em pauta. Nessa perspectiva, as pessoas com cargos no executivo e no legislativo federal, além de decidirem o tipo de enfrentamento a esse problema de saúde pública nunca visto antes no Brasil, também formam opinião da população ao qual deveriam representar.

Para tal, foi projetado o seguinte objetivo geral: analisar linguístico-discursivamente os pronunciamentos do Presidente da República, em rede nacional no *YouTube*, sobre a pandemia de Covid-19. Para lográ-lo, projetou-se os objetivos específicos: (i) identificar representações sobre a pandemia em pronunciamentos do presidente da república sobre a pandemia em março de 2020 e março de 2021; e (ii) investigar identificações materializadas em pronunciamentos da presidência da república sobre a pandemia em março de 2020 e março de 2021.

Em termos de justificativa, a relevância de cientistas da linguagem se dedicarem ao

campo de estudo de domínio político pela ADC é válida, visto que seu caráter analítico se dá, segundo Kress (1989), por ser politicamente engajada. Isto é, ir além das fronteiras do dito e percorrer de forma exploratória os não ditos a fim de compreender como os traços linguísticos e a linguagem se portam em gêneros discursivos. Vale pontuar, que a materialização discursiva advém de processos sociais. Por conta disso, inúmeros pesquisadores na área de estudos linguísticos se colocaram a estudar discursos presentes em gêneros da esfera política com enfoques distintos.

Para tanto, o *corpus* é composto por três pronunciamentos datados, respectivamente, nos dias 06 e 24 de março de 2020 e 23 de março de 2021 publicados em domínio midiático, tendo como suporte a na plataforma de *stream*, *YouTube*, no canal oficial do Palácio do Planalto. Cabe pontuar que a escolha desses pronunciamentos, justifica-se por conta do pronunciamento 2 e 3 constituírem o recorte de um ano em pandemia no país. Já o pronunciamento 1 marca o primeiro pronunciamento oficial do presidente da república sobre a pandemia do novo coronavírus nos serviços de radiodifusão. Além disso, o material do *corpus* é do âmbito político e dele eclodem disputas hegemônicas e o teor dos discursos oficiais selecionados permitem compreender as representações e identificações materializadas no discurso e como isso se relaciona com a pandemia.

É necessária a investigação de pronunciamentos de pessoas formadoras de opinião da sociedade, principalmente acerca de um problema na saúde pública inédito e que perdura há mais de um ano. Ao passo que um país segue o sistema presidencialista de governo, a figura pública que toma posse do cargo fica incumbida de representá-lo. Não por acaso, suas ações causam impacto tanto para as pessoas de sua nação como fora dela. O pronunciamento carrega em si uma gama de complexidade e amplitude discursiva. Apresenta-se como um *locus* repleto de relações de poder de nível nacional e global.

Isto posto, o ímpeto pesquisador que levou à elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está intimamente relacionado à trajetória acadêmica de sua autora, pois desde o primeiro semestre, em uma disciplina introdutória a leitura e produção textual, ocorreu o convite à desnudar as intenções comunicativas que iam para além dos textos.

E ao se ver socialmente inserida em um momento tão delicado como já supramencionado, o estudo linguístico da ADC trouxe um encantamento por se colocar a fim de desnudar o que a linguagem pode materializar e propor uma reflexão acerca da linguagem enquanto prática social.

Assim, com a ADC pode-se identificar relações assimétricas de poder, haja vista que consegue distorcer e até deturpar o que Guimarães (2016) entende como o papel inerente da

política, ou seja, a representação do corpo coletivo e a promoção do bem comum.

Dessa forma, nossa proposta se justifica em virtude de possuir contribuições para a fomentação e ampliação do arcabouço no campo social e histórico que a ADC se vincula, uma vez que o contexto vivenciado hoje apresenta desdobramentos que marcarão a historiografia política.

Além disso, o contexto acadêmico-científico do Tocantins reitera a relevância deste trabalho. Em razão da localidade tocantina não possuir – até o presente momento – pesquisas que retratem o enfoque aqui proposto. A análise que se propõe pode promover, pois, reflexões sobre os processos linguístico-discursivos na comunidade palmense e impulsionar abordagens pedagógicas que coloquem em pauta um olhar crítico sobre os textos produzidos na sociedade.

Nesse sentido, tem-se um contexto situado, temporalmente e espacialmente, em que há a visão da linguagem como parte irredutível da atividade humana. Assim, estrutura-se o que chamamos de práticas sociais, ou em outras palavras, a intersecção existente entre o corpo coletivo e as ações individuais.

Isso posto, para melhor organização da pesquisa, as seções estão assim dispostas em quatro seções. A segunda aborda a relação entre a pandemia e o uso de redes sociais digitais para a divulgação de informações. A terceira trata da revisão de literatura que embasa o trabalho. Já a quarta seção discorre a respeito dos procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho. Em outras palavras, as estratégias de pesquisa selecionadas, os passos metodológicos desenvolvidos e o planejamento do arcabouço teórico e metodológico.

Por sua vez, a quinta seção estende-se no que se refere à apresentação das análises do *corpus* em foco de acordo com o significado representacional e identificacional dos estudos da ADC. Dando continuidade, na sexta seção, faz-se a apresentação de algumas considerações a respeito da produção desta pesquisa, pesando reflexões, em linhas gerais, sobre o trabalho produzido. Por fim, conta o cronograma de atuação para a realização da exposição. Na seção a seguir, há a explanação do contexto da pandemia e o papel das redes sociais digitais nele.

CAPÍTULO II

A PANDEMIA ANTE ÀS REDES SOCIAIS DIGITAIS

É que estamos vivendo, hoje, a introdução, na sociedade, de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica - o computador, a rede (a web), a Internet. (SOARES, 2002. p. 475)

Este capítulo propõe realizar a contextualização do cenário epidêmico e das redes sociais digitais com relação à informatividade. Para isso, faz-se aqui a divisão em duas subseções: *Contexto de ações sobre a pandemia e Direitos do povo: saúde e informação na tela durante a pandemia.*

2.1 Contexto de ações federais com relação à pandemia

O presente subtópico visa discorrer sobre a estratégia federal de ações políticas em resposta à Covid-19 no Brasil, principalmente os momentos que perpassam o *corpus* da pesquisa. Desse modo pode-se ver o construto da contextualização do país em pandemia. Como apresentado, o novo coronavírus é um vírus de transmissão respiratória muito difusivo que causa a doença denominada Covid-19 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Também pode desencadear desde casos de infecções assintomáticas até a morte do paciente. Inclusive, de acordo com o portal Coronavírus Brasil, site oficial de informações do Governo Federal sobre a Covid-19.

Consoante às ideias de Werneck e Carvalho (2021), a busca pela dissolução da pandemia poderia ser fragmentada em contenção, mitigação, supressão e recuperação. A primeira tem seu marco inicial com a constatação da contaminação. Para isso, há o rastreamento de sua origem com foco na barragem da propagação do vírus. A partir do momento em que o vírus se instaura no país, urge a necessidade de um “isolamento vertical”, ou seja, os grupos de risco e pessoas em risco devem ter o convívio social restringido.

Em caso de infortúnio nas medidas anteriores, faz-se a supressão do vírus, para tal se faz o “isolamento horizontal”. Isto é, um isolamento mais radical e plural até uma estabilização na saúde pública. Em último temos a recuperação do bem-estar no âmbito social e da saúde pública, que confere a redução no número de casos.

A constatação da pandemia em território se deu em três de fevereiro de 2020, através

da Portaria nº 188 do Ministério da Saúde, que declarou Estado de Emergência em Saúde Pública de relevância nacional em detrimento do Brasil estar submetido a uma pandemia do vírus *SARS-CoV-2*, o chamado novo coronavírus. Além disso, o documento coloca a situação como alarmante, de modo que “demanda esforço conjunto de todo o Sistema Único de Saúde para identificação da etiologia dessas ocorrências e adoção de medidas proporcionais e restritas aos riscos.” (BRASIL, 2020a).

A partir disso, conforme o Cepedisa (2021), o Estado institui um mecanismo coordenado responsivo à contingência, Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública (COE-NCoV), que ficou a cargo da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS/MS). O COE-NCoV ficou a cargo de atribuições referentes ao planejamento, organização, coordenação e articulação para/com os gestores de nível estadual, distrital e municipal do Sistema Único de Saúde (SUS). Também tinha a função de divulgar informações referente à pandemia para a população. Além disso, agregou ao Grupo Executivo Interministerial de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional e Internacional (GEI-ESPII), que já havia sido criado pelo Decreto 10.211, em 30 de janeiro de 2020.

Enquanto a população contava com o COE-NCoV, a ação governamental possuía o assessoramento por parte do Comitê de Crise para Supervisão e Monitoramento dos Impactos da Covid-19, que foi instituído como um fator articulador da “consciência situacional em questões decorrentes da pandemia da Covid-19 e de deliberação sobre as prioridades, as diretrizes e os aspectos estratégicos relativos aos impactos da Covid-19.” (BRASIL, 2020b). Isso implica que o Chefe do Executivo teria para si uma rede de apoio para compreensão dos impactos da pandemia.

Assim, à luz da Lei 13.979, de fevereiro de 2020, foram anunciadas uma série de medidas com vistas à não proliferação do vírus, tais como:

isolamento, quarentena; determinação de realização compulsória de exames médicos, testes laboratoriais, coleta de amostras clínicas, vacinação e outras medidas profiláticas ou tratamentos médicos específicos; estudo ou investigação epidemiológica; exumação, necropsia, cremação e manejo de cadáver; restrição excepcional e temporária de entrada e saída do País; requisição de bens e serviços de pessoas naturais e jurídicas; e autorização excepcional e temporária para a importação de produtos sujeitos à vigilância sanitária sem registro na ANVISA. (CEPEDISA, 2021. p. 29)

Isso demonstra a preocupação desencadeada pelo poder mortal do vírus. Tanto que uma série de medidas de contenção do vírus foram postas em uma norma jurídica com caráter normativo. Ao mesmo tempo que as modificam a estrutura social, identificam uma preocupação nacional com o vírus. Já a Lei 14.035, coloca em pauta a autonomia das gestões

estaduais e municipais para se organizarem de acordo com suas demandas de acesso aos bens de serviços públicos e atividades essenciais pelo ponto de vista federal, tudo isso via decreto. Entretanto, apesar de ter-se essa articulação como forma de promoção do bem-estar da população, conforme o Cepedisa (2021) ocorreram casos de atrasos e negligências na condução da resolução da situação com relação inclusive ao acesso à vacina.

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde no Brasil, em março de 2020 (2020), a Organização Mundial de Saúde (OMS) caracterizou a Covid-19 como uma pandemia. Isto é, há o reconhecimento, de uma das principais referências em relação a temática da saúde, de que existe a disseminação de uma doença em escala global. No dia 5 de março de 2020, o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), Tedros Adhanom Ghebreyesus, alertou que os países não estão, suficientemente, lidando com a pandemia. Durante o estágio de mitigação da Covid-19, no Brasil, o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2020) apresentava na sua décima semana, de 1º a 7 de março de 2020, 19 casos confirmados. Nota-se, assim, que havia uma transmissão local, ou em outras palavras, era possível mapear a origem do contágio.

Ademais, conforme o Cepedisa (2021), o contexto do pronunciamento de 24 de março de 2020 girava em torno da solicitação de ventiladores pulmonares por parte da União, o que evidenciava o caos no sistema de saúde. De acordo com o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2020), no intervalo da semana 13, de 22 a 28 de março de 2020, o país já possuía 114 óbitos por conta do novo coronavírus e apresentava 3.903 casos confirmados.

Ainda, nesse período a Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) 354 retirou a exigência de receita médica especial para pacientes que recebem do governo medicamentos à base de cloroquina e hidroxicloroquina. Conforme o Cepedisa (2020), isso ocorreu em decorrência do presidente da república colocar em pauta o *kit covid*, que posteriormente a OMS veio a declarar não ser uma medida diretamente eficaz. Além disso, o Cepedisa coloca que o presidente da república defendeu a tese de imunidade de rebanho por contágio em resposta à Covid-19, em que:

A "imunidade natural" decorrente da infecção pelo vírus protegeria os indivíduos e levaria ao controle da pandemia, além de estimativas infundadas do número de óbitos e da data de término da pandemia. (CEPEDISA, 2020. p. 3)

Após um ano de pandemia, a semana de número 12 do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, de 21 a 27 de março de 2021, apresentava o quantitativo de 310.550¹

¹ Atualmente, o Brasil conta com 615.744 pessoas acometidas pela doença e 22.147.476 casos confirmados no Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2021).

óbitos e a marca de 12.490.396 casos confirmados. Além disso, havia uma nova variante do vírus *Sars-CoV 2* em circulação.

Tabela 2.1 – Comparativo anual da pandemia de Covid-19 no Brasil

	2020 Semana 13 (22 a 28 de março)	2021 Semana 12 (21 a 27 de março)
Casos confirmados	3.903	12.490.362
Óbitos acumulados	114	310.550

Elaboração própria baseada nos Boletins Epidemiológicos do Ministério da Saúde de 2020 e 2021.

A tabela anterior demonstra a comparação entre os meses de março de 2020 e 2021, no qual se refere ao número de contaminações pelo vírus da Covid-19 e mortes em decorrência do agravamento da doença. A interpretação dos dados aponta para um acréscimo de 319,9% em casos confirmados e 272,3% em óbitos acumulados. Isso posto, este tópico secundário se dispôs, em linhas gerais, a dar conta da compreensão do cenário da pandemia no Brasil. Haja vista que o objetivo da proposta aqui apresentada se dispõe a investigar os pronunciamentos presidenciais que se inserem nesse ínterim pandêmico.

2.2 Direitos do povo: informação na tela durante a pandemia

Esta seção trata dos enquadres teóricos sobre a relação entre saúde e redes sociais digitais em prol do direito à informação. Isso se faz necessário por conta dos pronunciamentos que compõem o *corpus* aqui levantado configurarem-se como um modo de interação mediada por uma plataforma *on-line*. Com vistas à divulgação de informações de interesse nacional, as redes de radiodifusão, de forma gratuita, apresentam a finalidade de preservar a ordem pública, salvaguardar a segurança nacional e atender às necessidades do Estado.

Para mais, no capítulo primeiro do título introdutório do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão há a explicação do que versa esse serviço público, a saber “a transmissão de sons (radiodifusão sonora) e a transmissão de sons e imagens (televisão), a serem direta e livremente recebidas pelo público em geral” (BRASIL, 1963c). Ou seja, há a colocação de que há a limitação à recursos que usam de ondas eletromagnéticas para fomentar a comunicação.

consoante as ideias de Rigo (2018) a base da radiodifusão tem fim educativo e cultural, entretanto, houve uma guinada nesse serviço público com a ascensão de Getúlio

Vargas no poder. Pois, a partir dele inicia-se a abordagem de instrumentalização política da radiodifusão para informar o povo sobre atos de governo, uma vez que seria um meio facilitador da relação representante-representados. Isso configura uma inclinação estatal e institucional com amplo alcance das vias de comunicação.

Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado” (BRASIL, 1988).

À luz do trigésimo terceiro inciso do capítulo quinto da Constituição Brasileira (1988), o direito à informação e o direito de ser informado pressupõe ao cidadão a recepção de informações dos meios de comunicação e do Estado. Assim, configura-se como um direito essencial à democracia. Em conformidade a isso, a Lei nº 12.527 de 18 de novembro de 2011 dispõe sobre o acesso à informação e tem o papel de expor o exercício de órgãos e entidades dos três poderes e do Ministério Público. Essa ferramenta permite o acompanhamento por parte da comunidade.

Destaca-se que o impacto social da mídia não se limita à transmissão de informações, pois isso seria limitar sua proporção real. Para além disso, Thompson (2018) pontua que,

Devemos começar rejeitando a ideia intuitivamente plausível de que os meios de comunicação apenas transmitem informação e conteúdo simbólico a indivíduos cujas relações mútuas permanecem essencialmente inalteradas. Devemos, em vez disso, ver que o uso dos meios de comunicação está relacionado à criação de novas formas de ação e interação, novos tipos de relações sociais e novas formas de relacionamento com os outros e consigo mesmo. (THOMPSON, 2018, p. 19.)

Pensar em novas formas de interação com o intermédio da mídia é fomentar novas formas de comunicação entre mim e o outro e eu e o mundo. Isso implica em uma postura ativa do indivíduo em sociedade. A Teoria Interacional da Mídia de Thompson (2018) destaca que para além da comunicação mediada por veículos de comunicação em massa, carta, telefone ou o famigerado face a face; a sociedade contemporânea conta com a mediação *on-line*. Essa mediação *on-line* apresenta como distinção principal a sua orientação “para uma multiplicidade de outros destinatários”. (THOMPSON, 2018, p. 21.)

O direito à informação é ampliado a outras ferramentas a partir do advento da *internet*. Pois, “o uso da internet contribuiu para a relativização do monopólio das informações até então concentradas nas mídias tradicionais, o que permitiu que os cidadãos tivessem acesso a

fontes variadas” (HOCH; RIGHI; SILVA, 2013, p. 491). Assim, ao ter os recursos de difusão de informações aliados à tecnologia ocorre uma abrangência e participação popular.

A possibilidade de multiplicação arcabouço de informações recebe uma roupagem panfletária. Isso significa uma (re)significação dos textos produzidos, o que difere de outras formas de comunicação da história oficial. Configura-se assim práticas discursivas que “supõem tacitamente o conjunto virtual daqueles com os quais eles podem legitimamente ser associados” (MAINGUENEAU, 2005. p. 149). Com isso, há a modificação da interação com o público.

Atualmente, as redes sociais digitais compõem um extenso leque de ferramentas, essa é uma nova forma de comunicar e relacionar-se com os atores sociais e o mundo. Dessa forma, as plataformas de *streaming* configuram-se como uma inovação na construção de significados. A ferramenta é, em muito, semelhante aos meios televisivos, contudo, o ambiente digital permite tanto a transmissão ao vivo quanto o armazenados nos canais dos criadores de conteúdo. Assim, os usuários podem acessar, a qualquer momento, o material que tiverem interesse.

De acordo com Gruman (2012) a transparência de informações tem relevância inestimável. Mesmo assim, é importante pontuar que somente ela não atesta uma política pública eficaz aos interesses do povo que um político deveria representar, mas “sua ausência, é garantia de mau uso dos recursos públicos” (GRUMAN, 2012, p. 104). Desse modo, é essencial que haja qualidade e veracidade nas informações proferidas pelos governantes, visto que Rigo (2018) destaca o uso dos serviços de radiotelevisão com papéis distintos no decorrer do tempo e que podem se portar a partir de funções e usos instrumentais no desenvolvimento de planos de governo. Por isso, concomitantemente, tem-se que ter transparência de informações e o ímpeto crítico dos cidadãos.

A seguir, estão expostos os construtos teóricos deste estudo.

CAPÍTULO III

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: TRAVESES TEÓRICOS EM DIÁLOGO

Há sistemas de poder na sociedade, os quais evocam valores simbólicos produzidos, reproduzidos e transformados nela e para ela e que são emoldurados na linguagem. (SOUZA, 2015. p. 23.)

Este capítulo propõe os fundamentos teóricos que tecem elos com o objeto e objetivo do estudo. Aqui, temos a sucessão de três subseções. A primeira dispõe de uma reflexão sobre a dialética entre linguagem e sociedade e um breve histórico da ADC. A segunda discute os três significados da linguagem propostos por Fairclough (2001; 2003), a saber: significado acional, representacional e identificacional. Por fim, a terceira seção destaca a interconexão entre os conceitos de gênero discursivo e gênero textual com o gênero pronunciamento. A fim de compreender o processo de desnaturalização dos discursos, é exibido, a seguir, um percurso sob o viés da dialética linguagem-sociedade e o percurso da ADC.

3.1 A dialética entre linguagem e(m) sociedade na Análise de Discurso Crítica

Nesta seção, serão inseridas considerações acerca da Análise Crítica do Discurso (ADC) e sua proposição dialética da relação linguagem-sociedade. O funcionamento social da linguagem como um sistema semiótico de escolhas que une aspectos linguísticos e extralinguísticos demonstra que não é desvinculada de práticas sociais. Chouliaraki e Fairclough (1999) destacam que falar de práticas sociais remonta um tempo e espaço específico ao qual as pessoas agem e interagem sob o mundo.

Silva, Oliveira e Teixeira (2020) pontuam que a ADC tem seu marco graças à virada linguística das ciências humanas e sociais. As produções do pós-estruturalismo junto à teoria foucaultiana sobre os elementos discursivos e não-discursivos auxiliaram nos estudos da constituição do social por parte do maior expoente da ADC, Norman Fairclough. Assim, segue-se um caminho distinto de viés funcionalista, que diferentemente do formalismo saussuriano, pensa-se na exterioridade da linguagem ao mesmo tempo que se reflete de como ela interfere na interioridade.

De acordo com Souza (2015), a ADC se coloca como um estudo linguístico-discursivo de cunho crítico, ao qual teve seu marco institucional em 1991, a partir do encontro dos

estudiosos Norman Fairclough, Teun van Dijk, Gunther Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak. Essa confluência intelectual faz o diálogo entre diversas ciências com o foco em contribuir para uma mudança social. Entretanto, vê-se que a complexidade social atual evidencia que isso não se concretiza, mas é possível tensionar situações assimétricas de poder, de tal modo que faça com que haja uma menor discrepância de poderes, e em sequência haja a possibilidade de proporcionar melhores condições de vida para os atores sociais.

Com base em Fairclough (2001), a ADC se coloca com o fito de proporcionar o desvelamento dessas relações assimétricas de poder, que em muitos casos são colocadas de tal forma que se passa por um fenômeno natural. Se articula “tanto para a conscientização sobre os efeitos sociais de textos como para mudanças sociais que superassem relações assimétricas de poder, parcialmente sustentadas pelos discursos” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 21-22). Nota-se, um papel bifronte da disciplina que aponta, a um só tempo, para a reflexividade sobre as materializações na linguagem e a desnaturalização de disparidades de poder em que subjaz uma ideologia em discursos.

Ramalho e Resende (2011) destacam que o termo discurso se bifurca para duas possibilidades de interpretação e uso no campo de estudos da ADC. O primeiro refere-se ao substantivo mais abstrato, tem sentido de momento integrante e irredutível da prática social em articulação com outros momentos de práticas, como ilustra a figura abaixo.

Figura 3.1 – Articulação irredutível dos momentos da prática social



Elaboração própria baseada em Ramalho e Resende (2011).

A Figura 3.1 aponta a conexão entre os momentos da prática social. Isso porque,

conforme Ramalho e Resende (2011) ao usar a linguagem para agir em sociedade, usamo-nos de modos próprios para e (inter)agir em eventos sociais, representar textos e negociar as identidades do mundo e de nós mesmos. Já a outra possibilidade para compreender discurso advém de ser sentido mais concreto que significa a forma particular de representar a experiência do indivíduo no mundo. A respeito disso, Kress (1993) aponta que os discursos são ideológicos e que os signos não têm caráter arbitrário, voltados para projetos particulares de dominação em sociedade.

Meu objetivo principal deste livro é, portanto, desenvolver uma abordagem de análise linguística que possa contribuir para preencher essa lacuna (mudança social) - uma abordagem que será útil particularmente para investigar a mudança da linguagem e que será útil em estudos de mudança social e cultural. Para atingir isso, é necessário reunir métodos para analisar a linguagem desenvolvidos na linguística e nos estudos da linguagem com o pensamento social e político relevante, para desenvolver uma teoria social da linguagem adequada. (FAIRCLOUGH, 2001. p. 19)

Estudar os aspectos discursivos que se relacionam com a mudança social fomenta a averiguação crítica do processo de desvelamento de assimetrias de poder produzidas e legitimadas a partir da linguagem. A linguagem para Fairclough (2001) é um elemento concedido com base em um contexto social, histórico e cultural. Por conta disso, as produções linguísticas materializadas em textos e em circulação dentro da sociedade podem ser postas para ADC para que haja a compreensão dos conflitos existentes na língua em uso.

Ao passo que a linguagem se encontra articulada a fenômenos mentais, relações sociais e o mundo material há o discurso como produto. As premissas faircloughianas apontam, que o discurso é um elemento interconectado a outros elementos sociais, ou seja, ele é visto como constitutivo - “constituindo para a produção, a transformação e a reprodução (e, como veremos logo, dos sujeitos) da vida social.” (FAIRCLOUGH, 2001. p. 66).

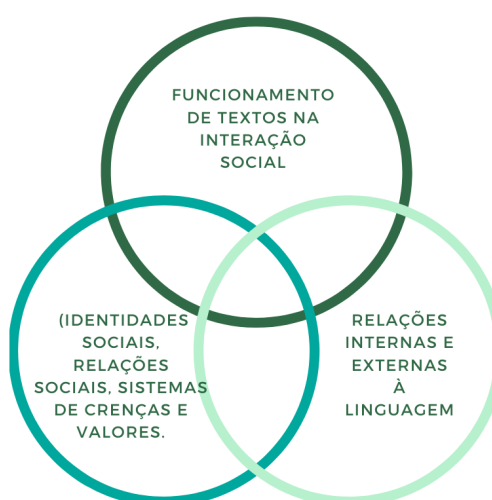
De acordo com Ramalho e Resende (2011), a linguagem é uma prática social, por ter essa relação interna e dialética, as questões são indissociáveis das questões discursivas. Consequentemente, estabelece-se a partir de aspectos políticos, culturais, ideológicos e econômicos. Isso ocorre à medida em que a linguagem contempla um modo de atividade historicamente situado, que é constituído coletivamente, e elaborado tendo como base as identidades no discurso, relações sociais e os sistemas de conhecimento e de crença. Daí, surge a ideia da linguagem enquanto parte da prática social que aponta questões de nível econômico, político, cultural, e ideológico.

Consoante às ideias de Souza (2015), é a partir da linguagem que significamos, representamos, armazenamos, difundimos informações e produzimos conteúdos simbólicos

sobre o mundo. É importante ressaltar que a forma que os discursos são materializados em textos ou, mais precisamente, em gêneros textuais evidenciam seus interesses ao empregá-los em contextos situados. De acordo com Batista Jr (2018), o pesquisador em ADC destina um olhar para o texto e outro para a sociedade para encontrar interconexões e evidências de relações assimétricas de poder. Em conformidade, Souza (2015) coloca que os textos são maneiras de representar e agir sobre o mundo e o outro, significa que o discurso é aberto para ser criticamente analisado, e assim, contrariedades são evidenciadas e pode-se buscar uma mudança emancipatória a partir da reflexividade.

Além disso, os postulados Fairclough (2001) concebem os usos da linguagem constituídos pela prática textual, social e discursiva. Vale lembrar que elas são complementares e indissociáveis, uma vez que o uso da linguagem se estrutura em um texto e ainda manifesta uma prática discursiva, já que representa algo ou alguém, além de proporcionar um agir sobre o mundo, configurando assim uma prática social. Como bem aponta a figura a seguir, baseada em Souza (2015):

Figura 3.2 – Dimensões complementares do discurso



Elaboração própria baseada em Souza (2015)

A Figura 3.2 expõe a perspectiva tridimensional faircloughiana para a análise de discursos. Conforme Souza (2015) a prática textual refere-se à descrição textual no que tange a interpretação e produção de textos que considera a interioridade e exterioridade da linguagem. A prática discursiva, por sua vez, refere à definição dos recursos dos momentos, bem como a que se refere e como se refere. Essa dimensão permite tanto a transformação e compreensão de reprodução do corpo social. A prática social retoma a descrição, performance e efeitos de textos dentro da interatividade.

Em conformidade com isso, o discurso é concebido a partir da esfera social e seus domínios se colocarão de acordo com as ordens em que se filiam. Isso se dá em decorrência dele ser parte da dimensão social e ser composto por elementos que estabelecem vínculos com as esferas da atividade humana. Na ADC vemos a língua como forma de contenção e fomentação de relações de dominação.

Nesse contexto social e temporal, Santiago, Santos e Barbosa (2020) entendem que as pesquisas em ADC versam com a meta de melhorar e mudar a vida dos seres humanos a partir da percepção de problemas sociais trespassados pelo discurso. Assim sendo, na perspectiva sociodiscursiva, busca oferecer um suporte científico para estudos que se empenhem no papel do discurso no que tange problemáticas socialmente situadas.

Fairclough (2001), percebe a ligação sociedade-discurso como retroalimentar. “O discurso tem uma relação ativa com a realidade, que a linguagem significa a realidade no sentido da construção de significados para ela” (FAIRCLOUGH, 2001. p. 66). Desse modo, as mudanças sociais se refletem em mudanças discursivas e aos termos a percepção sobre a última, há indícios de que mudanças sociais estão em andamento. Surge, assim, as tendências contemporâneas de mudanças, tendo em conta a democratização discursiva, a comodificação discursiva, e a tecnologização discursiva. Com base em Lima-Neto e Nobre (2012), a primeira diz respeito ao nivelamento das disparidades de poder a partir da redução da desigualdade. A próxima pontua sobre a influência mercadológica às instituições sociais. O último coloca em pauta os recursos e técnicas em diversos contextos e a forma pela qual isso forja significados ideológicos. Vale pontuar que a forma que os atores sociais são representados pode induzir na adesão de determinada identidade social e por isso a análise crítica se faz pertinente.

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.” (FAIRCLOUGH, 2001. p. 91).

Assim, a análise do funcionamento do discurso permite vislumbrar as estruturas de dominação que nascem do social. Essa relação é complexa devido à possibilidade de iluminar ou obscurecer situações antagônicas de poder que são postas como convenções sociais.

Consoante Resende e Ramalho (2006), a análise das materializações do discurso apresenta um engajamento social, por ter sua natureza transdisciplinar. Essa preocupação com

as relações dentro da comunidade pode ocorrer a partir da busca de mecanismos para investigar as relações assimétricas de poder, que são legitimadas pela linguagem. Essas ponderações sobre a teia de materializações dos discursos interseccionam linguagem e contexto, colocando em xeque o *status quo* e a hierarquização de poderes que estão presentes na sociedade.

O poder é implícito nas práticas sociais cotidianas, que são distribuídas universalmente em cada nível de todos os domínios da vida social e são constantemente empregadas; além disso o poder é tolerável somente na condição de que mascare uma grande parte de si mesmo. (FAIRCLOUGH, 2001. p.75).

Assim, vê-se que o poder incorpora, produz e instrumentaliza atores sociais de acordo com suas necessidades e alcança sua maior efetividade quando se garante pelo consenso, para que seja esboçada uma lógica naturalizadora. Dessa maneira, segundo Resende e Ramalho (2011) esboça-se uma hegemonia no discurso, em que um grupo atua sobre os demais por deter o poder.

Os tempos atuais em que o meio de produção manufatureiro foi substituído pelo capitalista emerge o que Giddens (1991, 2002) entende como modernidade tardia, isto é, o momento atual em que as instituições modernas se encontram, de modo que se apresenta marcada por uma trinca de traços particulares. O primeiro trata da separação da percepção tempo/espço, o que fica evidente com o uso das redes sociais digitais e fazem um leito perfeito para as relações assimétricas de poder. Outro fator é o desencaixe, no qual há a perda de como se dá a materialidade na estrutura social a partir da indefinição da relação tempo/espço. E, ainda há a questão da reflexividade institucional ao qual versa sobre a performance de identidades.

Por essa razão, não se pode ignorar que as práticas linguísticas são fomentadas em uma sociedade em que a linguagem se vê como o núcleo do modo de produção dentro de uma sociedade que se faz a partir de sistema capitalista, sendo que o produto das atuais transformações sociais é fenômeno da globalização conforme Santiago, Santos e Barbosa (2020a) capitalista embasa a mudança dialética atual, uma vez que Silva, Oliveira e Teixeira (2020), a colocam como mutável. Desse modo, ocorre a interferência e impulsionamento para novos moldes de como pensar e se relacionar em sociedade.

Santiago, Santos e Barbosa (2020) ressaltam que modo de produção capitalista dita regras e muros do que pode e não-pode, ao passo que intensifica a relação de consumo que infere na dinâmica social, por transformar a forma de consumo, produção e adesão de modo que o intento é o lucro. Dado isso, Giddens (1991, 2002) faz pensar em um mundo

globalizado, que por sua vez acarreta entender que a sociedade está passando por mudanças em um tempo muito singular, ao qual não apresenta uma velocidade controlada pelo ser humano. A globalização está nas relações de operação da nossa sociedade e isso impulsiona novas formas de falar, pensar e até mesmo entender a própria realidade social. Ou seja, há a dominação do curso das relações sociais e perceber as estratégias de manutenção do poder pode ajudar na mudança social.

Nesse contexto social e temporal, Santiago, Santos e Barbosa (2020) entendem que as pesquisas em ADC versam com a meta de melhorar e mudar a vida dos seres humanos a partir da percepção de problemas sociais trespassados pelo discurso. Assim sendo, na perspectiva sociodiscursiva, busca oferecer um suporte científico para estudos que se empenhem no papel do discurso no que tange problemáticas socialmente situadas.

O discurso, como prática política, estabelece, mantém e transforma as relações de poder e, como prática ideológica, constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo no contexto dessas relações. (RODRIGUES, 2021. p. 139.)

Quando o discurso se apresenta dentro da esfera política (re)significa relações de poder e a recorrência da proliferação de discursos particulares faz com que eles sejam vistos como tácitos. Consequentemente, assumem um nível de consenso e passam a ser replicados na esfera pública. Na ADC vemos a língua como forma de contenção e fomentação de relações de dominação.

É oportuno relacionar discurso, poder, ideologia e hegemonia, pois quando aliados revelam estratégias para conquistar o poder e mantê-los, ou melhor dizendo, apresenta discursos públicos. Wodak (2004) vê a linguagem como um nicho que entende que as estruturas de dominação são legitimadas pelas ideologias dos grupos detentores do poder. Em “cada sociedade, a produção de discurso é imediatamente controlada e redistribuída por um certo número de procedimentos, cujo papel é tutelar seus poderes e perigos, domesticar suas casualidades, escapar da sua ponderável, formidável materialidade (FOUCAULT, 1984. p. 109). Por isso, a ADC entende que a ideologia é no seu âmago hegemônica e intrinsecamente negativa.

Nota-se, portanto, que a ADC é uma abordagem viável ao estudo aqui proposto. Como já explicitado neste tópico a linguagem significa (re)significa n(o) mundo a qualquer momento, visto que pode se tornar um arcabouço de significações e experiências. Assim, Fairclough (2003) propôs um diálogo entre estilo, discurso e gênero que desencadearam nos significados: acional, representacional e o Identificacional. Cada um desses significados se portam de modos distintos, mas mesmo assim são indissociáveis. Na próxima segmentação

explicaremos cada um dos significados e como contribuem para a análise de nosso *corpus*.

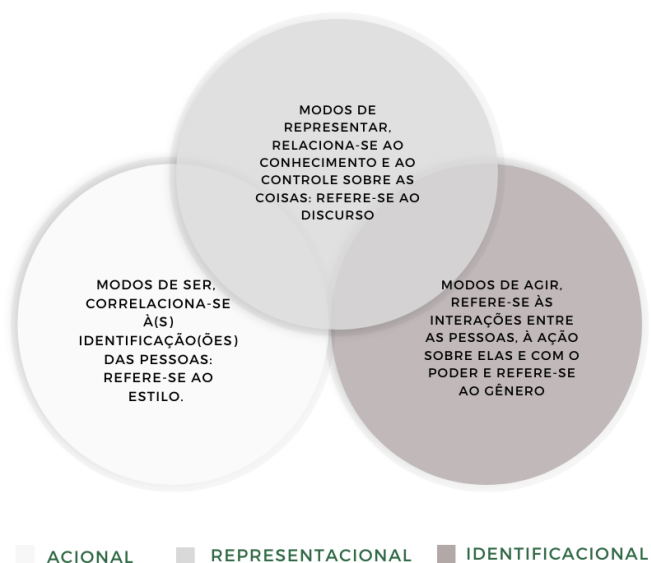
3.2 Os significados da linguagem

Esta seção discorre acerca da formação triádica dos significados da linguagem proposta por Fairclough (2001; 2003), bem como a relação com o *corpus* deste trabalho. O autor supramencionado compreende que o discurso se desdobra a partir da multifuncionalidade inspirada na Linguística Sistêmica Funcional (LSF) de Halliday.

Essa referência é possível, conforme Resende e Ramalho (2019), por conta de tanto a ADC quando a LSF verem a linguagem como dialética ao ponto de edificar uma imensidade de significações e ainda passível de mudanças orientadas pelos estudos sociais. Fairclough (2001), enxerga o discurso como uma prática que significa o mundo e o molda em significado.

O discurso é visto dessa forma, pois a ADC entende a língua como ação historicamente situada. Fairclough (2003) sugere o discurso em três maneiras principais na relação entre textos e eventos sociais nas práticas sociais: modos de agir, representar e ser. Cada uma dessas formas de interação do elo discurso-prática social origina um significados da linguagem que também se colocam de forma tríade: o significado acional, identificacional e representacional.

Figura 3.2 – Significados do discurso



Elaboração própria baseada em Fairclough (2003)

Dentro das práticas sociais, os três significados configuram três efeitos constitutivos do discurso, pois é inerente ao discurso ter um modo de ação e interação em sociedade. Para Ramalho e Resende (2011) os significados em textos relacionam-se de forma dialética. Dessa maneira, dentro das práticas sociais, os três significados configuram três efeitos constitutivos do discurso, pois é inerente ao discurso ter um modo de ação e interação em sociedade. Para Ramalho e Resende (2011) os significados em textos relacionam-se de forma dialética.

O significado acional focaliza o texto como modo de interação em eventos sociais [...]. o significado representacional enfatiza a representação de aspectos do mundo - físico, mental, social - em textos [...], e o significado identificacional, por sua vez, refere-se à construção e à negociação de identidades no discurso [...] (RESENDE E RAMALHO, 2006, p. 61).

Assim, as ações do significado acional tem relação com e sobre os outros e o poder; as representações do significado representacional ligam-se ao conhecimento e, como ele controla as coisas; as identificações; as identificações do significado identificacional relaciona-se com o próprio indivíduo e assuntos conectados à moralidade e à ética.

Com o fito de detalhar a proposta de Fairclough (2003) sobre a análise de textos, as três próximas subseções são voltadas à apresentação dos três significados.

3.2.1 Significado acional

O significado acional, envolve os discursos socialmente organizados e suas linguagens, pois segundo Resende e Ramalho (2006), cada prática social utiliza discursos e estilos estáveis num determinado contexto histórico-cultural. Isso se relaciona com as múltiplas linguagens usadas no cotidiano social e têm suas estruturas muito bem formadas para que nossa comunicação possa ser compreendida. Para Fairclough (2003), nesse significado o texto é entendido como modo de inter(ação) em práticas sociais ao legitimar ou questionar a estrutura e relações sociais.

Marcuschi (2006, p. 25) destaca que ao aprender a lidar com um gênero não ganhamos conhecimento apenas sobre uma produção textual, mas também um modo de atuar sócio-discursivamente em um contexto situado. Isso direciona para a compreensão de que os gêneros incorporam a cultura e fomentam aprendizagens de como agir em comunidade para atingir um determinado objetivo comunicativo.

Fairclough (2003) destaca que os gêneros possibilitam ir além de textos particulares ao ampliar para a particularidade na produção, distribuição e consumo de textos. Desse modo, apresenta um elo com o gênero discursivo, com o modo de agir e de interagir dentro dos eventos sociais.

3.2.2 Significado representacional

O significado representacional está relacionado às práticas discursivas em sociedade e as projeções díspares da realidade em que há a alteração de enfoque a partir de perspectivas particulares. Isso pressupõe, que constantemente há um motivo, um ator, uma forma de ser e um contexto no qual somos inseridos.

Ao se representar algo do mundo em textos, constitui-se a necessidade de escolha sobre o tipo de representação desse algo, como um dizer, uma ação, um sentir, uma existência ou um comportamento. Ressaltem-se as escolhas (linguístico-discursivas) motivadas (socialmente, culturalmente, politicamente) e realizadas em detrimento daquelas que poderiam ter sido realizadas, mas que por algum motivo não foram. (SOUZA, 2015)

Em qualquer texto há a decisão de escolhas linguísticas para compô-lo. Para Fairclough (2003) dentro das proposições do texto pode-se evidenciar e esconder, o que incluir ou excluir, o que deixar em primeiro ou segundo plano. Para isso, há o uso de categorias, haja vista que se configura como uma representação particular da realidade. Isso posto, a língua é um *locus* vasto de significações. Estudar representações é a investigação das escolhas e organização vocabular realizada tanto para as presenças ou ausências no texto.

Desse modo, o papel dos analistas compete à investigação por meio de determinadas categorias de como se dá a materialização do discurso. No caso desta pesquisa, são usadas as categorias de representação de atores sociais e significação das palavras.

A primeira, refere-se ao modo de que forma os discursos, como modo de representação e significação do mundo pelos atores sociais. Vale pontuar que essa relação tem caráter mutável, ou seja, ao passo que conexões são criadas entre os atores e os próprios eventos. Kress (1997) pontua que o modo pelo qual os atores sociais são representados dentro de um texto pode exprimir posicionamentos permeados pela ideologia. Com isso, volta-se ao objetivo da ADC, uma vez que permite o desvelamento de relações assimétricas de poder.

A representação dos atores sociais, segundo van Leeuwen (1997; 2008), propõe o estudo do leque de possibilidades as quais os atores sociais são representados no discurso, bem como suas escolhas apresentadas pela linguagem em referência às pessoas. Nessa

perspectiva, o autor propõe analisar os atores sociais de modo que os relacione com o contexto, assim, foca-se nos papéis empenhados nas práticas sociais e papéis gramaticais deles dentro dos textos. Para além disso, o estudioso expande sua análise a partir de um conjunto de sistemas linguísticos diversos que será mais bem apresentado na metodologia da pesquisa.

Já a análise de significado de palavra recai na ideia de que os sentidos das palavras se encontram dentro de lutas mais abrangentes, assim retomando a perspectiva de uma luta hegemônica. Fairclough (2001) discorre que são variáveis, elaboradas socialmente e registra que o significado são formas de hegemonia. Vale pontuar, que os significados das palavras não nascem do *uno*, mas sim do coletivo e ainda se colocam como passíveis de alterações. Ou seja, a palavra significa pelo discurso. Dessa maneira, não se trata de uma mera questão gramatical, mas também, e principalmente, ideológica. Visto que impressões pessoais são materializadas de modo a serem naturalizadas dentro do discurso. Evidenciando, o poder dentro da linguagem.

Isso posto, esse significado se faz necessário para a pesquisa pois permite apontar como o presidente da república configura o país em pandemia e como a gramática é utilizada para representar suas experiências de mundo. Isso será feito a partir da representação de atores sociais de van Leeuwen (2008) e a significação de palavras de Fairclough (2003), pois a partir das representações construídas os atores podem projetar realidades e revela os posicionamentos ideológicos em relação aos atores sociais envolvidos na prática social.

3.2.3 Significado identificaciona

O significado identificaciona refere-se às identidades no discurso. Fairclough (2003), apresenta o significado identificaciona como aquele que aborda as identidades construídas e/ou negociadas com base nos discursos, ou seja, como os atores identificam e como são identificados. Agimos de tal maneira conforme nossas concepções de mundo e de quem somos, assim é com nossos textos, neles perpassam nossas ideologias, nossos estilos. “Estilos constituem o aspecto discursivo de identidades, ou seja, relacionam-se à identificação de atores sociais em textos.” (RESENDE E RAMALHO, 2006, p. 76).

Conforme Fairclough (2003) a aquisição da “identificação”, em muito, está ligada aos processos da avaliação e modalidade. Isso por conta de estarem atrelados à estruturação das “formas de ser”. A avaliação refere-se às afirmações *avaliativas* às *presunções valorativas*, que para Resende e Ramalho (2019) são, respectivamente, a pontuação de juízos de valor e a

determinação do que é desejável ou indesejável em comunicação. A avaliação pode ser configurada “por meio de um adjetivo, de um verbo, de um advérbio ou de um sinal de exclamação.” (SOUZA, 2015. p. 96.) pois isso pode trazer identificações sobre os atores envolvidos no texto. No que concerne à avaliação, ocorre a informatividade aos interlocutores do ponto de vista de quem profere o discurso em relação a quem o recebe.

No que diz respeito à modalidade, Fairclough (2003) a coloca atrelada aos tipos de envolvimento nos discursos ao conterem declarações, ofertas, demandas e até mesmo perguntas, que corroboram para a construção discursiva de identidades. Assim, chegamos à vertente das metáforas, ou seja, o ato de explicar uma coisa por meio de outra. Resende e Ramalho (2006) discorrem como conceitos metafóricos estruturam-se no pensamento, e consequentemente, pela/na linguagem.

De acordo com Fairclough (2001), pontua que o uso de metáforas constitui um modo particular de representação dos aspectos do mundo e identificação. Assim, perspectivas pessoais podem ser universalizadas com o uso de metáforas, que se apresentam inseridas na ação, linguagem e pensamento. A essência da metáfora permite uma o uso de termos da linguagem fora do seu sentido convencional com o propósito de compreender outros. Lakoff e Johnson (2002), apontam três categorias de metáforas: ontológicas, orientacionais e conceptuais.

As metáforas ontológicas permitem entender o modo pelo qual os eventos, atividades, emoções, ideias como entidades e substâncias são estruturados. O segundo tipo refere-se às metáforas orientacionais, que se constituem como as formas que se relacionam à orientação espacial com base na experiência física e cultural. Já as metáforas possibilitam compreender um conceito a partir de outro.

Portanto, fez-se a escolha do significado identificacional em decorrência da identificação, em textos, remete tanto à individualidade quanto à coletividade e evidenciam um modo de ser no mundo. Isso pode evidenciar como as informações sobre a pandemia foram passadas ao público.

3.4 Gênero discursivo e o gênero discursivo pronunciamento

Este tópico aborda o gênero discursivo pronunciamento. Para Fairclough (2003) o gênero discursivo configura-se como uma forma de ação e interação em eventos sociais. Em relação a isso, o gênero em análise nesta pesquisa é configurado através do uso da linguagem

oral e escrita, constitui representações e identificações sociais em um contexto social e histórico específico, a pandemia de Covid-19.

Com base em Souza (2015) cada gênero discursivo articula discursos em determinados contextos situados que são definidos pelas práticas sociais ao qual o fomentam e o articulam. Ao passo que surgem as necessidades socioculturais, seja em decorrência das atividades humanas ou por conta das novas práticas tecnológicas, novos gêneros textuais se inscrevem em sociedade. Os gêneros são, conforme Marcuschi (2005), atravessados pela história e emergem do social e cultural com o fito de estabilizar eventos comunicativos situados.

A fim de cumprir tarefas socialmente definidas a linguagem é usada em prol dos gêneros discursivos. Assim, por meio de um gênero discursivo da esfera política, é possível que representações e identidades sejam constituídas através de discursos nele veiculados. Fairclough (2003) conceitua o gênero discursivo como uma série relativamente estável de convenções associadas a alguma atividade social. Isso implica um processo que vai além da especificidade da escrita e leitura, mas também processos particulares de produção, distribuição e consumo de textos.

De acordo com Santos (2016) o gênero textual discurso, mais especificamente um pronunciamento, por se tratar de um gênero que é posto em modalidade oral acaba imprimindo entonações particulares sobre o está sendo tratado, uma vez que conta com a recursos advindo da rotatória e da linguagem corporal. Outro ponto que pode revelar o nível de articulação de quem empenha a linguagem nesse gênero, pois ela pode ser usada para atingir determinados objetivos específicos.

Conforme o Manual de redação da Presidência da República (2002) que é o documento regulador das comunicações que podem ser desempenhadas pelo Poder Público a redação oficial deve ter como premissa algumas qualidades textuais basilares, sendo elas a saber: a impessoalidade, objetividade, formalidade, padronização, uso da norma padrão, clareza de ideias, precisão, coesão, coerência e concisão.

A seguir, a partir da fundamentação teórica aqui exposta, apresentam-se os procedimentos metodológicos delineados para o êxito do nosso objetivo de estudo.

CAPÍTULO IV

PROCEDIMIENTOS METODOLÓGICOS

Assim como o conhecimento social é inevitavelmente parcial, a análise textual inevitavelmente seletiva, no sentido de que escolhemos responder determinadas questões sobre eventos sociais e textos neles envolvidos e com isso abrimos mão de outras questões possíveis. (RESENDE, 2019)

Neste capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos da pesquisa: características do tipo de pesquisa; etapas da pesquisa e relação entre referencial teórico, método de pesquisa e a seleção de categorias de análise.

O trabalho desenvolvido vai ao encontro ao que Prodanov e Freitas (2013) entendem como uma pesquisa de natureza básica por visar contribuir para a ampliação do arcabouço teórico aqui apresentado e desenvolvido.

Já quanto aos seus objetivos, trata de uma pesquisa exploratória (BHASKAR, 1986; 1998), pois busca desenvolver uma análise orientada com vistas à emancipação social a partir de um problema prático. Os significados são edificados a partir da interação, consequentemente, fazem parte da relação dialética entre linguagem e sociedade. Assim, Bhaskar (1986, 1998) e Fairclough (2001) pactuam sobre o uso de problemas sociais descobertos em práticas sociais para que possa haver uma reflexão e superação.

Além disso, a pesquisa apresenta natureza qualitativa por pressupor uma relação entre mundo e sujeito que não pode ser traduzida em números, mas sim em interpretações com o objetivo de responder o problema de pesquisa e como ele “se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas” (OLIVEIRA, 2011).

Este estudo também apresenta caráter documental. Thiollent (1986) conceitua essa técnica devido à natureza das fontes carecerem de um tratamento analítico e que podem vir a ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. Torna-se adequado analisar seguindo esse tipo de pesquisa, pois os pronunciamentos presidenciais são fontes primárias.

Quanto aos passos metodológicos, iniciaram a partir da constituição do referencial teórico, para que pudesse haver uma sustentação que atendesse às demandas do objeto e dos objetivos do trabalho. Em seguida, houve a definição e delimitação do *corpus* da pesquisa. Estabeleceu-se também o método de pesquisa. Depois, procedeu-se à análise de dados dos pronunciamentos do presidente da república a respeito da Covid-19. Ainda, os resultados

constituídos passaram pelo processo de discussão. Por fim, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) será escrito e apresentado à banca examinadora.

Para tanto, a Análise de Discurso Crítica (ADC), nos moldes de Fairclough (2001; 2003), constituiu-se como o aporte teórico-metodológico desta pesquisa. A ADC por ser constituída como área interdisciplinar, vincula-se com os estudos discursivos na mudança social e permite investigar o modo pelo qual as relações assimétricas são materializadas pela/na linguagem. Ainda, o campo de estudo apresenta suporte científico para os estudos sobre gêneros discursivos em relação a problemas sociais situados, daí sua vinculação com o paradigma interpretativo. Por isso, torna-se adequado para embasar este estudo. Ademais, é capaz de mapear relações entre os recursos linguísticos utilizados por atores sociais e grupos de atores sociais e os aspectos da rede de práticas em que a interação discursiva se insere.

A partir dessa perspectiva teórico-metodológica, constituiu-se o *corpus* da pesquisa. Propusemos investigar pronunciamentos do presidente da república sobre a pandemia no canal do *YouTube* do Palácio do Planalto, haja vista ser um canal oficial de comunicação para/com o povo brasileiro e apresentar um alto nível de alcance de público.

Ademais, o *corpus* selecionado e delimitado é composto por três pronunciamentos: Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro, em 06 de março de 2020; Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro, em 24 de março de 2020, Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro, em 23 de março de 2021. A escolha desse material se deu a fim de contemplar a marca de um ano de pandemia no Brasil. Esse é o caso dos pronunciamentos 2 e 3. Já o pronunciamento 1, entrou por ser o primeiro texto oficial em que o presidente do executivo se pronunciou sobre a pandemia.

Sobre o método de pesquisa, destaca-se que os gêneros discursivos são constituídos por significados acional, representacional e identificacional (FAIRCLOUGH, 2003). O significado representacional trata diretamente dos modos de representar o mundo. A partir de uma experiência situada na "realidade", o mundo é ressignificado. Já o significado identificacional refere-se ao modo pelo qual um indivíduo pode tecer identificações sobre si e os outros. Esse aspecto da língua demonstra a atuação ativa dos atores sociais

Nessa perspectiva, as categorias de análise do significado representacional deste estudo são: a representação de significação das palavras e a representação de atores sociais. A primeira, refere-se ao modo de que forma os discursos, como modo de representação e significação do mundo pelos atores sociais.

A representação dos atores sociais, segundo van Leeuwen (1997; 2008), propõe o estudo do leque de possibilidades as quais os atores sociais são representados no discurso,

bem como suas escolhas apresentadas pela linguagem em referência às pessoas. Por isso, a linguagem pode ser entendida como troca entre participantes de um evento de comunicação situado, no qual usa significados em textos.

A rede de sistemas de representação se dá, em primeira instância, por inclusão ou exclusão. Consoante às ideias de van Leeuwen (1997; 2008) a exclusão ou exclusão de atores relaciona-se com os interesses particulares do enunciador. Com o objetivo de conceituar cada umas das categorias apresentadas no organograma anterior, fora produzida uma tabela de elaboração própria para melhor visualização. Sendo assim, van Leeuwen (2008), apresentam uma série de realizações linguísticas pelas quais os atores sociais podem vir a ser representados em momentos de interação, como demonstra a tabela, a seguir:

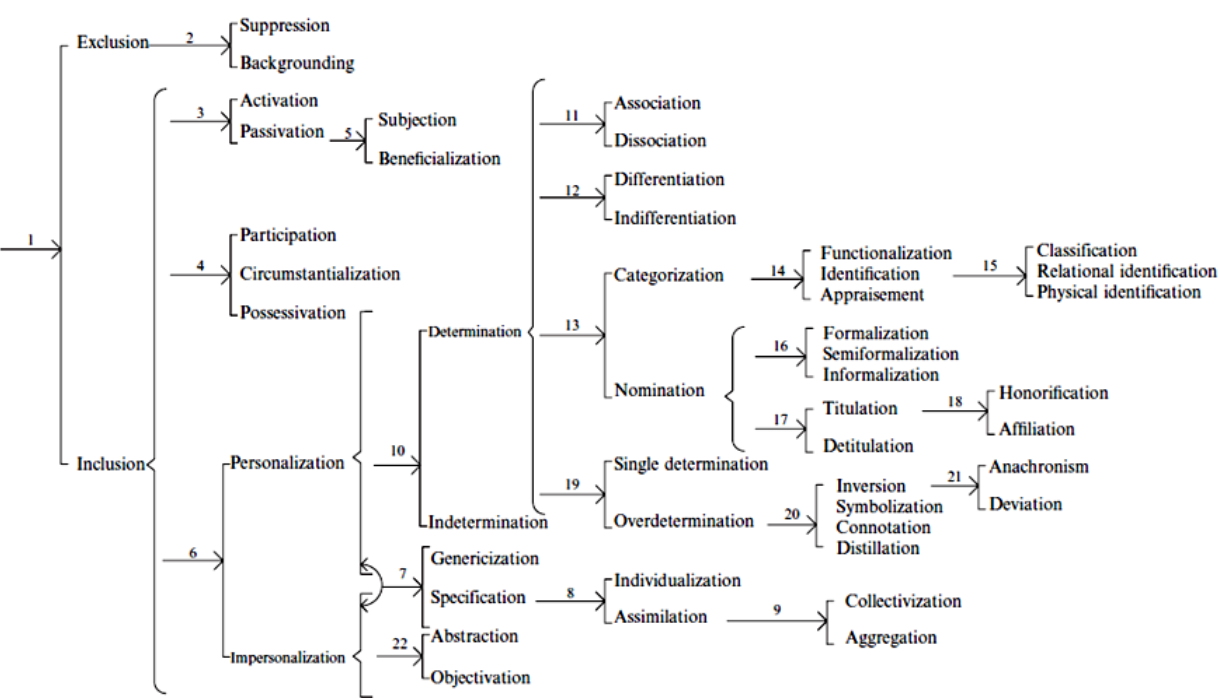


TABLE 2.4. Social Actor Network

Figura 4.1 - A representação dos atores sociais no discurso
van Leeuwen (2008).

A rede de sistemas de representação se dá, em primeira instância, por inclusão ou exclusão. Consoante às ideias de van Leeuwen (1997; 2008) a exclusão ou exclusão de atores relaciona-se com os interesses particulares do enunciador. Com o objetivo de conceituar cada umas das categorias apresentadas no organograma anterior, fora produzida uma tabela de elaboração própria para melhor visualização.

REPRESENTAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS	
Exclusão	
Supressão: não há qualquer referência ao/s ator/es envolvidos.	
Encobrimento: há referência ao/s ator/es, mas em 2° plano	
Inclusão	
Ativação: o/s ator/es sociais são representados de forma ativa e dinâmica no discurso	
Passivação: o/s ator/es sociais são representados por sujeição (participação, circunstancialização e possessivação) ou beneficiação (receptor ou cliente em relação a um processo material ou quando o participante é destinatário em relação a um determinado processo verbal)	
Individualização: singularização do/s ator/es.	
Assimilação: ator/es representados por meio da coletividade, pluralidade e ocorrem por meio de dois tipos: coletivização (imagem de coletividade) e agregação (grupos em dados estatísticos).	
Associação: “formados por atores sociais e grupos sociais que nunca são classificados no texto e sua realização mais comum é a parataxe (VAN LEEUWEN, 2008). Ela também pode ser realizada através de circunstâncias de acompanhamento, de pronomes possessivos e de orações possessivas atributivas.” (SOUZA, 2015, p. 99)	
Diferenciação e indeterminação: a identidade do ator social é especificada.	
Indeterminação: os atores sociais são representados como indivíduos ou grupos não específicos e “anônimos”(uso de pronomes indefinidos em função nominal ou referência exofórica generalizada.	
Nomeação: identidade única através do uso de nomes próprios.	
Categorização: Identidades e funções que compartilham com outros, ou seja, são categorizados. - Funcionalização: uso de um substantivo indicador de profissão ou do cargo ocupado em determinada atividade (substantivo).	
Identificação: - identificação física (características físicas peculiares que os identificam em determinados contextos), - identificação relacional (relação pessoal, de parentesco ou de trabalho que têm entre si)	
Personalização: atores sociais como seres humanos (nomes próprios ou substantivos, pronomes pessoais e possessivos, ou adjetivos com características humanas.)	
Impersonalização: abstração (qualidade) ou objetivação (referência ao local ou à coisa diretamente associados à pessoa ou à atividade ligada a ela através de referência metonímica por autonomização do enunciado, espacialização, instrumentalização ou somatização	
Sobredeterminação: atores sociais participam simultaneamente de mais de uma prática social e está	

dividida em conotação (identificação física corresponde a uma classificação ou funcionalização), destilação (atores sociais representados com relação em várias práticas sociais, de modo a abstrair a mesma característica dos atores sociais envolvidos nestas práticas), inversão (atores sociais representados através da relação entre duas práticas que se opõem uma à outra) e simbolização (atores sociais ou grupos de atores sociais “ficcionalis” representam atores ou grupos em práticas sociais “não-ficcionalis”).

Quadro 4.1 - A representação dos atores sociais no discurso

Elaboração própria baseada em van Leeuwen (2008).

No significado identificacional, as “formas de ser”, em muitos dos casos, se dá por modalidade, metáforas e avaliação. A avaliação refere-se às afirmações avaliativas e às presunções valorativas. (RESENDE e RAMALHO, 2019). A presunção valorativa refere-se a juízos de valor e a avaliação refere-se à determinação do que é bom, desejável.

No que diz respeito à modalidade, está atrelada aos tipos de envolvimento nos discursos ao conterem declarações, ofertas, demandas e até mesmo perguntas. Halliday (1994) diz que a modalidade é o ato de julgar às probabilidades ou obrigações que o falante profere. Configura-se, assim, um elo entre as representações e os atores de interação.

Assim, chegamos à vertente das metáforas, ou seja, o ato de explicar uma coisa por meio de outra. Resende e Ramalho (2006) discorrem como conceitos metafóricos estruturam-se no pensamento, e conseqüentemente, pela/na linguagem.

Tipos de metáforas	
Metáforas conceptuais	construções que se relacionam à orientação metafórica.
Metáforas orientacionais	construções que se relacionam à orientação espacial
Metáforas ontológicas	construções que se relacionam à orientação espacial

Quadro 4.2 - Tipos de metáforas

Elaboração própria baseada em Lakoff e Johnson (2002).

Dentre os processos de metáforas selecionamos as metáforas ontológicas e as metáforas conceptuais, A primeira, visto que tratam do modo de entender eventos, atividades, emoções, ideias como entidades e substâncias. As metáforas conceptuais que um conceito direciona a outro.

As pesquisas em ADC permitem a reflexão sobre o papel da linguagem na vida social. O viés crítico permite analisar discurso, concomitantemente, aos seus efeitos na mudança social. Na seção seguinte, apresentam-se as análises produzidas nesta pesquisa.

CAPÍTULO V

PRONUNCIAMENTOS DO PRESIDENTE EM REPRESENTAÇÕES E IDENTIFICAÇÕES

Assim como o conhecimento social é inevitavelmente parcial, a análise textual inevitavelmente seletiva, no sentido de que escolhemos responder determinadas questões sobre eventos sociais e textos neles envolvidos e com isso abrimos mão de outras questões possíveis. (RESENDE, 2019)

Este capítulo trata da análise linguístico-discursiva dos dados dos pronunciamentos do Presidente da República sobre a pandemia de Covid-19. Para tanto, os dados serão analisados de acordo com a proposição dos significados representacional e identificacional. Desse modo, as categorias de análise para o significado representacional são, nesta pesquisa: representação de atores sociais e significação de palavras. Já para tratar do significado identificacional são a avaliação e metáforas e a modalização.

Por sua vez, este capítulo da pesquisa está arquitetado em quatro seções. As três primeiras versam sobre a análise dos dados de cada um dos pronunciamentos alinhados às categorias de análise do significado representacional e identificacional. Já a última, contém uma reflexão acerca dos resultados da pesquisa e a relação com a mídia em um período pandêmico. A seguir, apresentamos o primeiro pronunciamento em análise.

5.1 Representações e identificações no pronunciamento do dia 06 de março de 2020

No dia 6 de março de 2020, o chefe do Poder Federal veio a público se pronunciar sobre a pandemia no *YouTube* através do canal oficial do Planalto Central. Nesse momento, o país se encontrava em quarentena para evitar a contaminação ou a propagação do coronavírus, haja vista a pandemia estar no início no país e em fase de contenção. Conforme já exposto anteriormente, o pronunciamento de 06 de março de 2020 compõe o corpus por ser o primeiro momento em que o presidente usou os serviços de radiotelevisão para se pronunciar sobre a pandemia.

5.1.1 Representações no pronunciamento de 06 de março de 2020

Esta subseção trata da análise do significado representacional no pronunciamento do dia 06 de março de 2020. Inicialmente, observa-se que o pronunciamento em análise

apresenta-se em quatro partes: saudação, contextualização, ações sobre a pandemia, convocação da população e despedida. O excerto abaixo constitui a saudação e a contextualização do pronunciamento em análise.

- (1) Boa noite! O mundo enfrenta um grande desafio. Nos últimos meses, surgiu um novo vírus, contra o qual não temos imunidade. Os casos se iniciaram na China, mas o vírus já está presente em todos os continentes. (BOLSONARO, 2020a)

O excerto (1) além da saudação “Boa noite” apresenta a contextualização da *pandemia* no mundo. No início há a humanização do ator *mundo* – *O mundo enfrenta*. No caso o ator *mundo* constitui-se por uma representação de referência genérica sobre a pandemia. Essa generalização não esclarece ao público-alvo do pronunciamento – a sociedade brasileira sob sua responsabilidade – a situação sanitária de saúde do Brasil sobre a pandemia em março de 2020. Parece que ao generalizar mundialmente a pandemia, o presidente propõe uma invisibilidade da pandemia no Brasil.

A seguir também insere outro ator: *um novo vírus*. Esse ator é classificado a partir da inclusão por ativação, pois o ator social é representado de forma dinâmica. (VAN LEEUWEN, 2008). Isso confirma a presença da Covid-19 no país. Atrelada a factualidade do vírus em solo Brasileiro.

Em seguida, afirma *não (nós) temos imunidade*. Insere outro ator: *nós*. Esse ator trata da associação por coletivização do ator social, *nós*, que apresenta um grupo, a coletividade – o presidente e a população brasileira. Essa classificação ocorre devido a representação constituir uma imagem de coletividade para tratar os atores sociais. O presidente se inclui entre a população como um ator também indefeso diante do coronavírus, o inimigo do momento. Parece que o chefe do executivo foge, pois da responsabilidade de administrar a pandemia e proteger a população.

No final do excerto, utiliza o ator *todos os continentes*, análogo a *mundo*, que é classificado como uma assimilação coletivizada, pois ao ter o pronome indefinido *todos* junto ao substantivo *continentes*, mostra uma representação plural. Isso representa uma proporção mundial da pandemia, como se a doença chegar no país fosse irreduzível, como se fosse apenas uma questão de tempo e que nada poderia ser feito pelo Estado.

Destaca-se que, além dos atores, o excerto (1) apresenta algumas palavras que constroem representações e também corroboram para a representação dos atores sociais já mencionados. Em termos da categoria de significação das palavras, há a inserção da palavra *desafio* atrelada ao ator *mundo*. De acordo com o dicionário *Michaelis* (2021), significa uma situação ou problema cujo enfrentamento demanda esforço e disposição firme. Com isso,

ocorre a representação de que a pandemia é um cenário árduo e carece de uma postura resoluta para o ator *mundo* para administrá-la.

Além disso, a palavra *presente* relaciona-se ao ator *vírus*. Conforme o dicionário Michaelis (2021) estar presente traz em si a ideia de factualidade. Dessa maneira, representa novamente a pandemia a nível global, o que constata o estado pandêmico e isenta o presidente da responsabilidade de evitar que o vírus chegasse ao país. Ainda, a expressão *nos últimos meses* ao atrelar-se ao ator *vírus* por indeterminação, o que representa a ausência de uma precisão cronológica de quando surgiu o vírus. (VAN LEEUWEN, 2008)

No âmbito do significado representacional, que trata da “representação de aspectos do mundo - físico, mental, social - em textos” (RESENDE E RAMALHO, 2006, p. 61). O excerto (2) trata de ações/providências do governo sobre a pandemia.

No segmento (2), o presidente utilizou o ator *Brasil*, classificado como van Leeuwen (2008) entendem como um ator incluído por *personalização*. Isso porque o país aparece com características humanas ao reforçar o sistema de vigilância.

- (2) O Brasil reforçou o seu sistema de vigilância em portos, aeroportos e unidades de saúde e foi o primeiro país da América do Sul a lidar com a enfermidade. (BOLSONARO, 2020a)

Também aparecem outros atores: *portos, aeroportos e unidades de saúde*, classificados como atores sociais incluídos por *passivação* (VAN LEEUWEN, 2008), uma vez que são submetidos à atividade do ator *Brasil* – reforçar a segurança. Os atores *portos e aeroportos* representam as rotas de entrada e saída marítimas e aéreas do país, uma vez que o momento era de contenção da circulação do vírus. Já o ator *unidades de saúde* representa a capacitação do sistema de saúde em relação à pandemia.

Ainda insere outro ator, *América do sul*, nesse caso, por *personificação* através do uso do substantivo próprio e a ação naturalmente humana. Nesse caso, a representação é constituída a partir de uma comparação com outras pátrias que formam a *América do Sul* e estão ficando para trás em relação ao Brasil. Segundo Van Dijk (2010, p. 137), o significado pode se portar de modo vago ou evidente com relação a algumas informações. Assim, pode ser realizada a seleção de pontos positivos para “nós” e negativos para “eles”, como é o caso da relação de comparação supracitada. No pronunciamento se refere à “nós” como o Brasil e “eles” como a América do Sul.

No âmbito do significado de palavras, a expressão *sistema de vigilância* significa no excerto o aumento no monitoramento na entrada e saída do país. Em relação à pandemia

representa uma medida de controle e preocupação, mas que sistema seria e para qual propósito não é exposto pelo presidente.

Bolsonaro parece materializar uma representação sobre a situação do país referente às medidas tomadas para contenção da proliferação do vírus no país que estavam sendo tomadas. Além do mais, o presidente utilizou a palavra *enfermidade* que, em harmonia com o dicionário Priberam (2021), significa doença ou moléstia. Especificamente no pronunciamento, está atrelada à retomada da expressão *vírus novo* e o ator *Brasil*. Isso representa uma comparação que coloca o ator *Brasil* como um precursor e líder na “corrida” ao combate à doença – foi o primeiro país da América do Sul a lidar com a enfermidade.

O fragmento (3) também trata de ações do governo.

- (3) Desde então transmitimos informações diárias, transparentes a todos os estados e municípios para que cada um organize, da melhor forma, o atendimento à população. (BOLSONARO, 2020a)

No início, o ator *nós transmitimos informações diárias*. Esse tipo de ator também representa o chefe da nação e os demais membros do governo por uma inclusão assimilativa de coletividade que se refere aos membros do governo. O que impulsiona a ideia de que as ações de transmissão de informações partem sempre numa ação conjunta entre o presidente e os demais funcionários. No pronunciamento em análise, novamente indica, a partir da forma pronominal pluralizada (nós), parece avisar o tom impositivo e pessoal, causando a impressão de que o presidente é um posicionamento comum a todos do governo. Isto é, parece que há o empenho constante em manter a população informada. Isso representa o governo como uma fonte de informação confiável.

Constitui-se também o ator *todos os estados e municípios*, que contém a junção do pronome indefinido “todos” e de dois substantivos (estados e municípios). Isso faz com que ele adquira novamente uma assimilação por coletivização e determina uma totalidade dos estados em relação à recepção de informações. Desse modo, observa-se a representação de abrangência da assistência do Governo Federal no âmbito do compartilhamento de comunicação acerca da pandemia. No entanto, não há indicação do tipo de informação compartilhada ou a qualidade dessas informações. Portanto, faz-se um dado vago. Tais representações promovem uma auto apresentação positiva do ator *governo*, ao passo que este fica em segundo plano a fim de trazer uma isenção de responsabilidade.

Há também um ator *cada um* referindo-se a cada estado da federação. Esse ator trata da singularização dos atores, ou seja, há a individualização (VAN LEEUWEN, 2008). Essa classificação aparece quando ocorre a singularização do ator social. No excerto, esse processo

ocorre a individualização da responsabilidade dos estados em relação ao atendimento à população, inferindo-se sobre a pandemia.

Coletiva-se/divide-se as ações do governo federal no pronunciamento através do uso de *nós* várias vezes. Ou seja, a coletivização é um recurso frequente e traz a representação de grupo e consenso à fala do presidente. Já quando se trata da responsabilização de estados, há, porém, individualização. Parece haver um discurso que aponta, conforme van Dick (2015) uma mitigação por redistribuição de responsabilização e, conseqüentemente, a negação de uma possível culpa por parte do presidente.

Do mesmo modo, o excerto (4) trata de ações realizadas pelo governo federal:

- (4) O Governo Federal vem prestando orientações técnicas a todos os Estados, por intermédio do Ministério da Saúde. Os demais ministérios uniram esforços e, juntos aos demais poderes seguiram garantindo o funcionamento das nossas instituições até o retorno à normalidade. (BOLSONARO, 2020a)

Em (4), aparece o ator *Governo Federal* seguido do ator *Ministério da Saúde, demais ministérios e demais poderes*. O primeiro é classificado como um ator incluso por ativação – responsável pela orientação de ações com vistas à resolução da pandemia. Essa escolha lexical não é aleatória, já que constitui a representação de inovação. O segundo, terceiro e quarto atores são incluídos por categorização devido à relação de trabalho que têm entre si uni-los. Porém, juntos, os casos evidenciam um mesmo papel de executor das ações do governo. Observa-se, com isso, um discurso voltado para a auto apresentação positiva do Estado sobre a pandemia.

Nessa perspectiva, é inserido o ator *todos os estados*, classificado como uma assimilação por generalização (VAN LEEUWEN, 2008), pois, o discurso político e de saúde pública, o que leva à representação de um país alinhado e focado no bem-estar social durante a pandemia.

No que se refere à significação de palavras, destaca-se *orientações técnicas, intermédio, esforços e normalidade*. O sentido de orientações técnicas está atrelado ao ator *Governo Federal*, isso representa positivamente o governo em relação à pandemia, pois não está estático perante o vírus. Também, não fica evidente o teor dessas informações. Já *intermédio* liga-se às orientações e coloca em pauta o ator Ministério da Saúde como responsável por mediar questões relacionadas à Covid-19. *Esforços* aponta para o significado de que há uma frente de combate ao vírus que o entende como um dever.

Além do mais, o uso da palavra *normalidade*, traz à tona representação de um país sem o uso de máscaras e com a economia em sua capacidade máxima, que é um interesse do

presidente. Assim, o *Governo* é representado que, em linhas gerais, seria uma entidade eficaz, visto que é constante na entrega de *feedbacks* à sociedade e serve como orientador para os Estados. Além do mais, mesmo em meio ao caos pandêmico esse ator é e está sendo a solução.

O excerto (5) conta com as ações individuais do presidente em relação à pandemia.

- (5) Determinei ações que ampliam o funcionamento dos postos de saúde, bem como reforço aos nossos hospitais e laboratórios. Convoco a população brasileira, em especial os profissionais de saúde, para que trabalhem unidos e superemos juntos essa situação. (BOLSONARO, 2020a)

Em (5), há o ator “*eu*” – *determinei e convoco* – que refere-se ao presidente Jair Bolsonaro em agentividade individual sobre a pandemia. Esse ator é classificado segundo van Leeuwen (2008) como por personalização. Com isso, há uma representação de valorização sobre o autor nomeado *por eufemização* e representa uma postura engajada do presidente, que não se limita aos limites do seu cargo.

No entanto, o uso do ator *eu* atrelado ao verbo *convocar* (*convoco*) também representa uma obrigação à população brasileira para a superação da situação pandêmica. Assim, há a representação de uma ação conjunta com divisão de responsabilidades entre o Governo, a população e os profissionais da saúde.

Também, aparece o ator *nós* – *trabalhemos e superemos*. Assim, representa uma situação que carece ser feita a várias mãos. Para isso, o presidente faz uso da inclusão de atores por assimilação e coletivização, ao passo que se a par de equiparação aos atores, *população brasileira* e *profissionais da saúde*, com relação à incumbência de administrar a pandêmica.

Destaca-se, do mesmo modo, o significado da palavra *ações* relacionada à palavra *determinei*. A palavra *ação*, no contexto, significa que o tipo de ação é a delegação de função realizada pelo chefe do executivo, que nesse caso acaba por ser representado por diferenciação. Nesse sentido, também é inserida a palavra *reforço* atrelada à *determinei* – *determinei reforço* –, o que significa. Conforme o dicionário Priberam (2020), *reforço* significa tornar ainda mais forte, o que representa que já havia uma medida forte em curso nos hospitais e que terá uma alteração não explícita ao público. Isso representa uma preocupação com as consequências da pandemia. Em ambos os usos não se especifica quais ações e quais esforços, se são adequados para o desempenho do chefe da nação brasileira. Além do mais, a carga semântica do pronome em primeira pessoa suaviza o teor enfático do poder que o chefe do executivo detém.

Há a representação de que compete ao Estado a divulgação e orientação técnica, mas a execução do conjunto de informações é comandada pela liderança direta do Presidente Bolsonaro. A partir do uso da 1ª pessoa do singular ao falar sobre a ampliação do *funcionamento dos postos de saúde, bem como reforço aos nossos hospitais e laboratórios*, o presidente remonta, assim, a ideia de que é engajado e preocupado com aqueles que representa. Ao voltar a atenção a si, o Jair Bolsonaro reforça seu papel enquanto presidente e sua posição para com o público.

Já o segmento (6) apaga os atores sociais.

- (6) O momento é de união. Ainda que o problema possa se agravar, não há motivo para pânico. Seguir rigorosamente as recomendações dos especialistas é a melhor medida de prevenção. (BOLSONARO, 2020a)

No excerto (6) somente aparece o ator *especialistas* atrelado a *recomendações*, no caso, classificado por indeterminação. Esse grupo é posto no anonimato, o que representa em tempos de pandemia uma busca pela naturalização da representação das recomendações dos especialistas como verdadeiras e confiáveis. Em acréscimo, o apagamento de atores responsáveis pelas recomendações por ações também representa uma obstrução à atribuição específica de papéis sociais. Isto é, o texto não explicita quem em explicita quem são esses especialistas e sua credibilidade científica.

Sobre a significação de palavras, em (6) há a palavra *união*, a associação de elementos que forma um todo (AULETE, 2021). Isso representa a busca por uma conformidade de ações e pensamentos, entre governo e o povo, guiados pela percepção governamental.

Em seguida, aparecem as inscrições: *problema* e *pânico*. Problema refere-se à Covid-19 e traz a ideia de algo indesejável ao governo. A entrada de pânico significa no excerto que não deve haver um descontrole. Isso representa a pandemia com teor mais brando. Juntas elas significam, no caso, a pandemia como um obstáculo que deve ser encarado com bravura e precaução, representam uma negação da real proporção da pandemia ao amenizá-la.

Por fim, na passagem (7) encerra o pronunciamento do presidente em 06 de março de 2020.

- (7) Que Deus nos proteja e abençoe o nosso Brasil. (BOLSONARO, 2020a)

No excerto (7), há o ator *Deus* incluído por nomeação (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006). Especificamente, isso no pronunciamento materializa um discurso religioso. Isso representa a mistura de discurso político com religioso, visto que o presidente usa a figura divina para unificar a população em torno da fé ao passo que se aproxima do interlocutor com um tom discursivo pessoal com apelo religioso, segundo o qual a proteção contra o ator *novo vírus* seria a realização da vontade de Deus.

Também há o ator *Brasil*, que aparece incluso por nomeação. No pronunciamento isso representa os cidadãos como um só corpo só e ao ter atrelado a si o pronome possessivo reitera, de alguma forma, a responsabilidade de todos com relação à pandemia. Ou seja, *nosso Brasil* evidencia uma tentativa de trazer o povo para perto e a aprovação dele pelo que já foi dito, e ainda mostrar uma imagem do que Thompson (2007) entende como *universalização* dos brasileiros como um organismo, que recebe graças de uma mesma figura divina.

Percebe-se, desse modo, que as representações criadas neste pronunciamento giram em torno da colocação de agentes como a *população, os estados, os municípios e profissionais da saúde* como “linha de frente” da resolução da pandemia, o que consequentemente, resulta na isenção de responsabilidade máxima por parte do chefe do executivo. Ainda, nota-se como comum a todo discorrer do texto uma representação sempre positiva dos atores *governo e presidente*. Além de ver constantemente no discurso a promoção da unificação dos seus representados.

5.1.2 Identificação do pronunciamento de 06 de março de 2020

Esta subseção trata da análise do significado identificacional no pronunciamento do presidente no dia 06 de março de 2020 sobre a pandemia. No âmbito desse significado identificacional, o excerto (8) constituiu identificações de acordo com o posicionamento do presidente Jair Bolsonaro acerca da pandemia.

- (8) Boa noite! O mundo enfrenta um grande desafio. Nos últimos meses surgiu um vírus novo, contra o qual não temos imunidade. Os casos se iniciaram na China, mas o vírus já está presente em todos os continentes. (BOLSONARO, 2020a)

No excerto (8), a expressão *grande desafio* avalia de forma negativa o em relação à pandemia. À medida que o presidente coloca a pandemia como uma situação de entrave, há a identificação de que é um cenário árduo. Ocorre também a avaliação em *vírus novo*. O uso de *novo* avalia positivamente o vírus, pois o indica que o *SARS-CoV-2* é um vírus diferente de outros vírus.

Já o segmento (9), avalia o Brasil em relação à América do Sul.

- (9) O Brasil reforçou o seu sistema de vigilância em portos, aeroportos e unidades de saúde e foi o primeiro país da América do Sul a lidar com a enfermidade. (BOLSONARO, 2020a)

No segmento (9), a expressão *o primeiro país da América do Sul* contém a avaliação positiva através do uso do adjetivo *primeiro*, isso por conta de trazer a identificação do Brasil como um pioneiro ao implementar ações de combate à pandemia. Parece haver uma tentativa de identificar as ações do governo como positivas. Ressalta-se, que essa informação não apresenta fonte explícita, pois parece que a palavra do presidente não carece de embasamentos.

O fragmento (10) avalia ações do governo federal sobre a pandemia específica a avaliação determinada do governo sobre cada estado brasileiro.

- (10) Desde então transmitimos informações diárias, transparentes a todos os estados e municípios para que cada um organize, da melhor forma, o atendimento à população. (BOLSONARO, 2020a)

Inicialmente, constitui-se a avaliação na expressão *informações diárias, transparentes* apesar de não haver especificação das informações dadas pelo governo à nação, especifica-se a avaliação apreciativa com o uso dos adjetivos *diárias* e *transparentes*. Em *diárias*, avalia-se a constância em que os informes sobre a pandemia são trazidos à público. Em *transparentes* é avaliado de forma positiva ao pontuar a qualidade e teor das mensagens trazidas pelo governo. Há o interesse em promover a identificação de que são confiáveis. Tais avaliações apontam a identificação de que o governo brasileiro apresenta compromisso em informar aos estados e municípios conteúdos orientadores.

Depois, no entanto, há a avaliação em *da melhor forma*. O presidente demonstra a vontade de implantar um juízo de valor particular para o interlocutor sobre a aprovação da medida de dar autonomia aos estados e municípios. Isso identifica uma avaliação sobre a qualidade das informações que divulga aos estados e municípios.

O segmento (11) trata das ações do governo durante a pandemia.

- (11) O Governo Federal vem prestando orientações técnicas a todos os estados, por intermédio do Ministério da Saúde. Os demais ministérios uniram esforços e, juntos aos demais poderes seguiram garantindo o funcionamento das nossas instituições até o retorno à normalidade. (BOLSONARO, 2020a)

Na expressão *orientações técnicas*, o presidente avalia o trabalho que faz junto ao Ministério da Saúde para direcionar os estados. Essa avaliação parece identificar positivamente o ato do governo orientar as localidades a lidar com a pandemia.

No excerto (12), é possível visualizar as ações pessoais do presidente em relação à pandemia.

- (12) Determinei ações que ampliam o funcionamento dos postos de saúde, bem como reforço aos nossos hospitais e laboratórios. Convoco a população brasileira, em especial os profissionais de saúde, para que trabalhem unidos e superemos juntos essa situação. (BOLSONARO, 2020a)

Em (12) é possível visualizar afirmações avaliativas explícitas (*determinei/trabalhemos unidos e superemos*). Há no começo do excerto, a primeira pessoa do singular, através do verbo *determinar* (*determinei*), o que exhibe uma manifestação dos desejos do enunciador do que ele considera desejável ou não.

Em *trabalharemos unidos e superemos juntos*, identifica-se uma aparente divisão de responsabilidades sobre o defronte pandêmico. Ainda, ao usar os verbos flexionados em terceira pessoa do plural (*trabalhemos/superemos*) em consonância os adjetivos *unidos* e *juntos* conduz apercebemos que o intuito do enunciador é de causar um efeito de aproximação para com o interlocutor. Assim, nesse recorte (12) parece indicar a identificação de ações coletivas sobre a pandemia, o que pode possibilitar a diminuição do número de ações do governo federal e do presidente.

- (13) O momento é de união. Ainda que o problema possa se agravar, não há motivo para pânico. Seguir rigorosamente as recomendações dos especialistas é a melhor medida de prevenção. (BOLSONARO, 2020a)

O uso de *união* avalia o momento/pandemia. Essa avaliação materializa a identificação de que a situação solicita todos brasileiros para que possa ser enfrentada. Além disso, há o uso do *não*: *não há motivo para pânico*. Essa polarização negativa identifica uma negação da pandemia.

Com base em Fairclough (2003) essa situação está proporcionalmente ligada à perspectiva particular do autor. No mais, a palavra *rigorosamente* está relacionada ao modo de abordagem do problema de saúde pública em questão. Isso parece construir a identificação por avaliação de que as recomendações dos especialistas se refere a não tratar a Covid-19 com pânico.

Portanto, o que pode ser observado pelo ponto de vista do significado identificacional é que há a prevalência de visões particulares de mundo sendo colocadas como coletivas, a busca pela aproximação para com os interlocutores, a positivação das ações governamentais e a divisão da responsabilidade para o enfrentamento da pandemia no Brasil.

5.2 Representações e identificações no pronunciamento do dia 24 de março de 2020

No dia 24 de março de 2020, o Presidente da República, Jair Bolsonaro, veio a público, mais uma vez, se pronunciar sobre a pandemia. Nesse momento, o país ainda se encontrava em quarentena para evitar a contaminação ou a propagação do coronavírus, haja vista a pandemia estar no início no país e em fase de mitigação.

5.2.1 Representações no pronunciamento de 24 de março de 2020

Esta subseção trata do estudo de representações e discursos materializados no pronunciamento do chefe do executivo do Brasil no canal do planalto do *YouTube* em 24 de março de 2020. Destaca-se que este pronunciamento constitui o *corpus* da pesquisa devido ser o segundo momento em que o Estado através do Presidente, aborda sobre a pandemia. Neste ínterim, alcançou proporções grandes como apontado no subcapítulo 2.1 que versa sobre a contextualização do momento pandêmico.

O pronunciamento, assim, inicia com a saudação “Boa noite!” e com representações do governo federal.

- (14) Boa noite! Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, numa operação coordenada pelos ministérios da defesa e relações exteriores, surgiu para nós o sinal amarelo. Começamos a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois sabíamos, que mais cedo ou mais tarde, ele chegaria ao Brasil. (BOLSONARO, 2020b)

Diferentemente do pronunciamento anteriormente analisado, este pronunciamento inicia com a inserção do ator *nós* – *desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan*. Aqui, o uso desse ator indica o que van Leeuwen (2008) pontua como uma associação por coletivização, que representa um grupo, a coletividade – *governo, presidente, ministérios e o povo*. Parece representar que os atores acionados fazem parte de um todo.

No excerto (14), também se observa a significação de algumas palavras em termos de representações. A palavra *irmãos*, no pronunciamento, significa uma lógica familiar: Brasil e China não são apresentados como apenas parceiros econômicos, mas acima de tudo são integrantes de uma mesma família. Legitima-se a ação visto que não é adequado socialmente

ignorar o vínculo fraterno. Ou seja, parece materializar a representação do governo como uma gestão solidária que ajudou o povo chinês em um momento de adversidade.

O excerto (15) o presidente traz uma contextualização das ações do governo e os entraves que ocorreram no processo.

- (15) Nosso ministro da saúde reuniu-se com quase todos os secretários de saúde dos estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído, e desde então o doutor Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas. Mas o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria e ao mesmo tempo traçar a estratégia para salvar vidas o desemprego em massa.(BOLSONARO, 2020b)

Em (15), aparece o ator *nosso ministro da saúde*, classificado pelo processo de funcionalização (VAN LEEUWEN, 2008), pois o ator é indicado por um substantivo que indica um cargo ou função. Isso significa que o *ministro da saúde* é o responsável pela organização da saúde pública. Consequentemente, representa que compete a ele a responsabilidade por *possíveis vítimas*. Atrelado a isso há o pronome possessivo em terceira pessoa do plural, *nosso ministro*, isso significa uma tentativa de trazer o povo para perto e a aprovação do funcionário federal por representar o corpo social de modo geral. Isso representa uma ideia de *universalização* da aprovação do ministro.

Aparece, porém, o ator todos os *secretários de saúde dos estados* (função junto ao governo federal) com a especificação do nome da profissão do referido ministro: o doutor *Henrique Mandetta* por nomeação. Isso significa um destaque ao ministro dentro do discurso, ao mesmo tempo que o responsabiliza por possíveis vítimas. Junto a isso, pelo olhar da significação de palavras, o termo *doutor* carrega socialmente um teor de alto *status* social. Dessa maneira, representa de certa forma, a valorização e responsabilização do autor nomeado. Além do mais, destaca-se a relação entre os tipos de atores utilizados no âmbito de representações – *ministro/doutor/Mandetta* e cada *secretário de saúde dos estados*, o que significa uma ação conjunta pela associação.

Em termos da significação das palavras, o uso das palavras pânico e histeria estão amarradas uma à outra. O dicionário Aulete (2021) entende *pânico* como um pavor de grande escala, sem base racional e repentino que desencadeia um desequilíbrio emocional, O chefe da nação representa uma banalização da pandemia, pois a coloca sem prerrogativas para tal sentimento – Mas o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria. No mesmo dicionário, *histeria*, por sua vez, significa um exagero emocional, que em face de situações sociais. Nesse caso, a pandemia não carece ser tratada assim. Dessa forma, ocorre

um abrandamento da crise de saúde pública a fim de deslegitimar o isolamento social em prol da economia.

Ademais, tem-se no excerto: *para salvar vidas e o desemprego em massa*. Essa última expressão significa a ocorrência de muitos desempregados por conta da pestilência. Isso representa uma compensação entre saúde e economia, de modo que dá a entender que vidas são tão importantes quanto empregos.

O fragmento (16) também corrobora para essa representação do ator *nós*.

- (16) Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos, grande parte dos meios de comunicação foram na contramão e espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália, um país com um grande número de idosos e com o clima totalmente diferente do nosso o cenário perfeito potencializado pela mídia para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país. (BOLSONARO, 2020b)

O excerto (16) apresenta, então, o ator (*nós*) *fizemos*. Ele representa uma especificação que traz a coletivização do governo como o responsável pelas estratégias de contenção da pandemia, e o representa em oposição *a grande parte dos meios de comunicação*. Isso fica evidente a partir da inserção da passagem: *quase contra tudo e contra todos, grande parte dos meios de comunicação foram na contramão e espalharam exatamente a sensação de pavor*. Isso demonstra ter ocorrido um conflito, entre governo e imprensa, de abordagem sobre a pandemia entre os representa uma visão conflitante entre os atores sociais supra referidos.

No âmbito da significação das palavras, observa-se o uso de *contramão*, *sensação de pavor*, e *carro-chefe*. A palavra *contramão* significa, em seu sentido figurado, "a posição de apego a ideias, valores e costumes que não são mais vigentes em determinado momento". (MICHAELIS, 2021). No texto em análise, sugere que o ator *grande parte dos meios de comunicação* foge do consenso de tranquilidade em relação à pandemia. Já a *sensação de pavor* significa, conforme o dicionário Michaelis (2021), o sentimento de medo extremo. Nesse caso, o pavor refere-se à pandemia. Isso representa o ator *grande parte dos meios de comunicação* como terroristas, uma vez que a mídia seria responsável por espalhar o pavor na sociedade por trazer a situação pandêmica de outros países.

Dentro das possibilidades de significação apresentadas pelo dicionário Michaelis (2021), *carro-chefe* significa no contexto do excerto um destaque de grande intensidade. Nesses usos observa-se a representação da altamente negativa por parte do presidente, pois a ela é colocado o encargo de ter promovido um desserviço à população. Isso foi representado pelo presidente pois considerou que a mídia agiu de forma pretensiosa ao trazer informações sobre a *Itália*, país esse que havia sido severamente acometido pelo novo coronavírus.

Observa-se, ainda, que o presidente faz o uso repetitivo de *histeria*, assim, reforça a representação do exagero da mídia ao divulgar o *status* pandêmico conforme o governo federal.

Em (17), a postura da imprensa segue em pauta e o presidente direciona recados à população.

- (17) Contudo, percebe-se que, de ontem para hoje, parte da imprensa mudou o seu editorial: Pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom! Parabéns, imprensa brasileira! É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós. O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar! Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado! Devemos, sim, voltar a normalidade!(BOLSONARO, 2020b)

No trecho (17), ocorre a presença dos atores *parte da imprensa e imprensa brasileira*, por funcionalização. Isso representa uma percepção da imprensa como um corpo único. Depois, aparece o ator (*prevaleçam entre nós/ está sendo enfrentado por nós - nós devemos, sim*). O ator *nós* representa todos os brasileiros por coletivização. Isso inclui o enunciador e o público de modo que a representação traz a característica de que a população faz parte de um só organismo e há a aproximação do presidente com o público.

Destaca-se o apagamento de ator: *Os empregos devem ser mantidos*. Esse apagamento de ator relaciona-se ao óbice que a indeterminação proporciona, pois não fica claro como isso será feito, quais empregos e por qual motivo eles devem prevalecer. Isso representa o desemprego sendo colocados como mais importantes do que as mortes por Covid-19.

Já as palavras *calma* e *tranquilidade* significam a ausência de agitação na sociedade por conta da pandemia. Isso identifica no discurso a ideia de harmonia e equilíbrio social prevalecendo mesmo em um período adverso. Essa calma e tranquilidade refere-se aos empregos, pois como o período é calmo e tranquilo os serviços podem voltar a atividade no ritmo pré-pandemia.

A palavra *parabéns* significa “felicitações que são dirigidas a alguém em ocasiões especiais” (MICHAELIS, 2021), o que no discurso representa a saudação pela mudança no editorial da imprensa e que agora entra em consenso com o governo. Isso significa uma ironia, pois o presidente critica o trabalho da imprensa. Além de representá-la como agente de um desserviço a população por apresentar uma abordagem terrorista.

Em certa oposição, estão os significados das palavras *equilíbrio* e *verdade*, uma vez que o primeiro termo traz o significado de harmonia e estabilidade, já o outro em contraponto, o sentido de exatidão de uma representação, de modo que não há uma coexistência entre

ambos. Ainda, a palavra *normalidade* está com o sentido de conforme a norma, mas não a determinação direta de qual parâmetro está sendo usado para determinar essa perspectiva do que viria a ser o padrão. Entretanto, com base no excerto a normalidade está vinculada aos empregos, o que significa uma representação ligada à questão econômica.

O segmento (18) trata das medidas de isolamento.

- (18) Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de “Terra arrasada”, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. O que se passa no mundo têm mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos sessenta anos, então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de quarenta anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine. (BOLSONARO, 2020b)

No excerto (18), o ator *poucas autoridades estaduais e municipais* aparece por funcionalização. Não há como saber precisamente a quem o enunciador se refere, mas representa que uma parcela pequena do grupo desses autores partilha do pensamento de *Terra arrasada* e devem abandoná-lo. Em seguida, aparecem os atores *pessoas acima de sessenta anos e pessoas sãs com menos de quarenta anos de idade*, que são inseridos por categorização genética dos grupos representados por eles (VAN LEEUWEN, 2008). A generalização é um recurso que pode ofuscar as divisões sociais e a agência. Isso significa uma divisão social feita pelo presidente em relação a quem está mais ou menos suscetível à infecção. Isso representa uma negação de que a população, de modo geral, estava vulnerável.

Há ainda o autor *nós* que aparece, em *90% de nós*, por agregação (VAN LEEUWEN, 2008). A partir dos dados estatísticos representa o povo brasileiro e o próprio presidente como se não houvesse grandes riscos ao ser acometido pelo vírus. Um detalhe importante é que não há a presença de fonte da pesquisa que assegura essa representação de ausência de riscos para públicos específicos. Vale pontuar, que o ato de colocar dados estatísticos, além de associá-los ao governo como estratégia discursiva positiva que reforça a ideia de uma situação controlável e branda, em que apenas os idosos se encontravam suscetíveis ao contágio, também representa que os demais grupos podem não viver em isolamento. Outro ponto interessante é a ausência da fonte das informações que sustentam o posicionamento de relativização da pandemia expostas. Esse detalhe é entendido como supressão, por van Leeuwen (1997, p. 219).

Já com relação à significação de palavras sobressaem-se: *Terra abandonada, proibição de transportes, fechamento de comércio e confinamento em massa*. Ao colocar a

primeira, o presidente faz uma retomada ao período de invasão nazista em território russo. Com isso o discurso de Stalin contemplou a estratégia da “Terra arrasada”, em outras palavras, a resistência à invasão custasse o que custar e iriam até a medida de extinguir meios de subsistência da população. Isso significa que o país não pode pensar em uma contenção da pandemia sem que haja uma preocupação com a economia, pois isso também custaria a vida de muitas pessoas. Isso representa uma exaltação do trabalho para o desenvolvimento público e econômico. Já as outras palavras significam medidas de controle para que a enfermidade não se alastre mais. Dentro do pronunciamento, isso representa o questionamento do isolamento físico como medida defendida para a garantia à saúde e bem-estar social.

Em outra perspectiva, são constituídos os atores sociais do segmento (19).

- (19) Devemos sim é ter extrema preocupação em não transmitir os vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde. No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar. Nada sentiria ou seria quando muito acometido de uma “gripezinha” ou “resfriadinho” como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença, o FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da hidroxicloroquina por tratamento do COVID-19. (BOLSONARO, 2020b)

No recorte (19), ocorre mais uma vez a inserção do ator nós – *(Nós) Devemos sim*. Também constitui a representação de coletividade. Assim, representa uma situação. Para tal, o presidente faz uso da inclusão de atores por coletivização e isso novamente retoma a representação de um corpo só.

Há também, a presença do ator *Ministério da Saúde* por nomeação, o que representa no excerto o órgão responsável por guiar a postura brasileira em relação à pandemia. O ator *eu*, apresentado por individualização a partir do pronome pessoal em primeira pessoa do singular, que busca promover um reconhecimento da população em seu exemplo pessoal.

Outro ator é o *mundo* que é posto por generalização e personalização. O ator representa uma meta comum a todas as nações que compõem o globo: um tratamento para a Covid-19. Ademais, são inscritos os atores *FDA americano* e o *Hospital Albert Einstein* que são ativados por nomeação, e representam um direcionamento e empenho da comprovação da hidroxicloroquina como tratamento da doença.

Em (19), também se destaca o significado de palavras. Por exemplo, a expressão *histórico de atleta*, neste pronunciamento, significa ter uma boa disposição física e mental, isto é, ter um corpo em estado de equilíbrio. Isso significa uma compreensão individualizada sobre saúde. Com isso, há a representação de um abrandamento da preocupação em ser

contaminado pela Covid-19 e uma culpabilização da vítima sem o referido “*histórico de atleta*”.

Juntamente, há a entrada de *gripezinha* e *resfriado*. Essas designações fazem referência ao novo coronavírus. Isso retoma uma representação eufêmica, uma vez tenta suavizar com a colocação da doença em quadros mais brandos, acaba desdenhando da Covid-19, também há o interesse em destoar a real proporção da pandemia.

O fragmento (20) trata de um possível remédio para ser usado como artifício contra a Covid-19. Além disso, há o agradecimento a alguns atores por parte do chefe do executivo e uma mensagem para os brasileiros.

(20) Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio fabricado no Brasil. Largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e à artrite. Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença. Aproveito para prestar minha homenagem a todos os profissionais de saúde: médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores, que na linha de frente nos recebem hospitais, nos tratam sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio. (BOLSONARO, 2020b)

O fragmento (20) apresenta o ator *nosso governo*, que pode ser classificado por coletivização. Isso representa no texto um valor afetivo ao colocar o pronome possessivo *nosso*, ou seja, ocorre a divisão de responsabilidade da gestão pandêmica. Para mais, os atores: *eu*, *Deus*, *cientistas e pesquisadores do Brasil*, *profissionais da saúde* e *nós*. Em contraponto ao ator *nosso governo*, o uso do ator *eu* atrelado ao verbo *acreditar* (*acredito*) representa uma visão pessoal e incerta sobre os avanços em relação à pandemia praticamente obrigatório à população brasileira para a superação da situação pandêmica.

Vê-se que o ator *eu* – Bolsonaro – se volta para si e é ativado por personificação. Assim, ele reforça sua representação enquanto chefe de Estado e seu destaque frente ao corpo social. Ao mesmo tempo, traz a incumbência de capacitação dos profissionais da ciência a eles próprios e ao ator *Deus*, que também é incluído por personificação. De certa maneira, a exclusão do papel governamental de incentivar a ciência a agilizar a descoberta de uma cura da Covid-19. Dessa forma, vem à tona um discurso político e religioso.

Também, aparece o ator *nós* – *trabalhemos e superemos* – que aponta um discurso de coletividade. Assim, representa a pandemia como uma situação que precisa ser superada em conjunto. Para isso, o presidente faz uso da inclusão de atores por coletivização. Também ocorrem os atores, *população brasileira* e *profissionais da saúde*. O primeiro aparece por generalização e o segundo por funcionalização. Em ambos os casos ocorre a representação de

que a população brasileira e os profissionais da saúde têm relação à incumbência de administrar a pandemia. Com ofusca-se a agência do chefe do executivo.

Além disso, observa-se no fragmento (20) a significação de palavras. A expressão *este remédio fabricado no Brasil* significa um produto de origem nacional e representa a independência em relação a outros países. Demais palavras se destacam nesse excerto, *malária, lúpus e artrite*. Há um ponto comum entre as doenças mencionadas pelo presidente, elas são doenças autoimunes e elas estão relacionadas ao vírus em estado de comparação.

O que fica em segundo plano é que não houve evidências comprovadas de que o medicamento pode ser usado contra a Covid-19. Isso representa um incentivo ao uso do *novo remédio*.

A expressão *linha de frente*, refere-se às pessoas que apresentam contato direto com o vírus e estão mais propensas a contaminarem-se por conta da função que têm na sociedade. Isso representa uma valorização aos profissionais da saúde específicos, aqueles que se enquadram no que é ideal ao ver do presidente.

(21) Venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos. Deus abençoe nossa pátria querida. (BOLSONARO, 2020b)

No excerto (21) o ator *nós* aparece em *(nós) venceremos*, *(nós) orgulharemos* e *(nós) estamos juntos*. No caso, esse ator é ativado por coletivização novamente. Inclui tanto o presidente quanto o público. Isso proporciona uma representação de coletividade para vencer o ator *vírus*, que por sua vez é colocado como um ser humano, indicando assim a personalização. Isso significa que ele é representado como o inimigo dos brasileiros. Há ainda o ator *novo Brasil* que significa um país com o governo Bolsonaro. Assim, ocorre a representação de que a partir do Governo Bolsonaro configura-se uma pátria promissora.

Nota-se, portanto, que o pronunciamento representa as ações do governo sobre a pandemia de forma positiva, inovadora, articulada e solicita a ajudar outros países. Ainda, ocorre fragmentação da responsabilidade da administração da pandemia com diversos atores e até a isenção governamental em outros. Dentro das representações de atores sociais, a coletivização é um recurso bastante utilizado no decorrer do pronunciamento para aproximar o público das representações particulares do presidente.

5.2.2 Identificação do pronunciamento de 24 de março de 2020

Esta subseção trata da análise do pronunciamento do dia 24 de março de 2020 sob a perspectiva do significado identificacional.

- (22) Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, numa operação coordenada pelos ministérios da defesa e relações exteriores, surgiu para nós o sinal amarelo. Começamos a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois sabíamos, que mais cedo ou mais tarde, ele chegaria ao Brasil. (BOLSONARO, 2020b)

Em (22), existe a metáfora conceptual pois se instaura através de outro recurso linguístico. Assim, há a identificação levando em conta a colocação *irmãos em Wuhan*, no qual significa que das localidades do globo são interconectadas. Com isso, explanam a situação do país e, em paralelo, convence de que era preciso tomar atitudes, em tom fraterno, para ajudar o povo chinês, isso pois, o presidente justifica o presente como ações passadas o autor parte de tradições aceitáveis.

Ainda no excerto (22) há a aparição da metáfora conceptual ao trazer que ocorreu um *sinal amarelo* promovendo a percepção de alerta, como no trânsito. Além disso, tem-se uma metáfora ontológica, que é uma das formas de entendimento de situações abstratas, *enfrentar o coronavírus*, isso identifica o vírus como uma entidade. Isso é reforçado com a presença da expressão idiomática modalizadora “*mais cedo ou mais tarde*”, em que traz a certeza da chegada do vírus no Brasil como algo insolúvel.

- (23) Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos, grande parte dos meios de comunicação foram na contramão e espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália, um país com um grande número de idosos e com o clima totalmente diferente do nosso o cenário perfeito potencializado pela mídia para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país. (BOLSONARO, 2020b)

No que tange o significado identificacional do fragmento (23), ocorrem várias avaliações. Uma delas é evidenciada com a palavra *quase*, em que o presidente emite uma declaração com juízo de valor sobre o trabalho do ministro. A identificação se dá a partir da quantidade de secretários contatados por Mandetta para a construção de um plano de reação ao vírus. Assim, há a identificação do ministro como eficiente.

Outra avaliação ocorre pela atribuição da profissão *doutor*, o que busca legitimar as ações na saúde pública. Henrique Mandetta é avaliado novamente pelo chefe do executivo, através de uma declaração de valor acerca do seu trabalho. Essa avaliação tem teor positivo

pela polaridade positiva, *excelente*, julgando o trabalho do funcionário federal como constantemente satisfatório, como pode-se ver levando em conta o uso do verbo *desempenhar* no gerúndio.

Observa-se também, a modalização no que se refere às vítimas da COVID-19 a partir do uso do adjunto modal *possíveis*, uma vez que, nessa categoria, as informações podem ser exibidas nos termos da probabilidade de acordo com Halliday e Matthiessen (2004). Assim, o orador constrói uma imagem positiva do ator da esfera política, uma imagem de capacidade da liderança de um ministério.

O fragmento (24) conta com as identificações do presidente sobre a imprensa e a pandemia.

- (24) Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos, grande parte dos meios de comunicação foram na contramão e espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália, um país com um grande número de idosos e com o clima totalmente diferente do nosso o cenário perfeito potencializado pela mídia para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país. (BOLSONARO, 2020b)

A passagem (24) trata da avaliação do presidente sobre a imprensa. Há o juízo de valor através do uso do adjetivo *grande* – *grande parte dos meios de comunicação*. Há a colocação de um número considerável de veículos de comunicação que possuíam um edital que via a pandemia com preocupação. Por conta disso, o presidente identifica a atitude da imprensa como indesejável.

A inscrição de, *exatamente*, confere o sentido de um pensamento divergente ao do governo, por espalhar o caos na sociedade. Assim, há a acusação da mídia com teor terrorista. As entradas de *grande* novamente em – *grande número de vítimas e grande número de idosos* – trazem a edificação de que as vítimas em potencial são do grupo longo, como se fossem diretamente proporcionais. Isso identifica que o país europeu, Itália, só possui um alto número de mortes por ter uma grande população geriátrica.

Ainda, aparece a avaliação em *totalmente diferente*, isso implica em uma visão particular que diferencia a Itália do Brasil por considerar que o território brasileiro apresenta um número menor de idosos e com clima muito distinto. Uma questão que chama a atenção é que não fica exposta a fonte dessas afirmações valorativas.

Já o termo *perfeito* expressa uma modalidade deontônica. Em acordo com Ramalho e Resende (2016), as declarações com modalidade deontica são declarações ligadas a juízo de valor e podem avaliar aspectos do mundo em termos de obrigatoriedade ou necessidade, como algo bom a ser feito. O adjetivo *perfeito* diz respeito às informações trazidas pela

imprensa. Constitui-se então a identificação que a imprensa cumpre um desserviço à sociedade ao informar a população sobre a proporção da pandemia.

- (25) Contudo, percebe-se que, de ontem para hoje, parte da imprensa mudou o seu editorial: Pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom! Parabéns, imprensa brasileira! É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós. O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar! Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado! Devemos, sim, voltar a normalidade! (BOLSONARO, 2020b)

Na passagem (25) a *avaliação* se mostra presente no que compete à percepção individual que se manifesta, ao pontuar uma mudança repentina por parte da imprensa ao colocar a *locução adverbial modalizadora* “de ontem pra hoje”. Fator esse que materializa uma avaliação de polaridade negativa. Isso porque o presidente parece reforçar a identificação de que a imprensa agiu trazendo inverdades sobre as proporções da pandemia. Ao falar *verdade*, o enunciador expressa sua própria existência. Essa vontade de externar a experiência é projetada na oração. No caso, *a verdade* do chefe do executivo aponta para a identificação da falta de veracidade por parte da imprensa, ao passo que a descredibiliza.

Em *os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado!* há a presença de palavras modalizadoras. Há ocorrência de modalidade deôntica, em que ocorre o uso de voz ativa no grau de obrigação. Além disso, há a construção da identidade de que o retorno da engrenagem capitalista é o *normal*, mesmo com uma pandemia. Para que o povo brasileiro as cumpra, haja vista que ocorre a modulação do verbo dever (devem) e isso indica a obrigatoriedade de o agente *nós* – no caso, também participante ator – executar a ordem está sendo designada.

Em (26), o presidente se posicionou sobre o isolamento social e os grupos de risco na pandemia.

- (26) Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de “Terra arrasada”, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. O que se passa no mundo têm mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos sessenta anos, então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de quarenta anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine. (BOLSONARO, 2020b)

No excerto (26), o atributo avaliativo manifesta-se em *algumas poucas e devem abandonar*. A primeira traz a avaliação da quantidade em relação às *autoridades estaduais e municipais*, ao mesmo tempo que avalia como uma opinião influência. Isso identifica uma visão de oposição ao ideal do governo. Já a outra traz a modulação *devem abandonar*. Essa

modulação indica a obrigatoriedade do agente, autoridades *estaduais e municipais* – deverá executar o comando que lhe é atribuído.

Também, ocorre uma modalidade deôntica por uma interrogação que questiona as medidas de isolamento social. A partir da colocação de que o grupo de risco seria constituído por pessoas idosas, o chefe do executivo promove a identificação de um relaxamento das medidas de contenção com base em uma visão unilateral.

Há avaliações em *fatais, sãs e qualquer*. A primeira avaliação, que ocorre com o adjetivo *fatais*, relaciona o grupo de pessoas com menos de 40 anos com um baixo nível de mortes por Covid-19. Isso identifica para a população que não há motivo para esse público se preocupar, uma vez que as consequências serão muito brandas.

O adjetivo *sãs* trazem uma presunção avaliativa que de que ser *sã* é o desejável. Essa classe de palavras em destaque relaciona-se com o fato de o indivíduo possuir hábitos saudáveis. Com isso o presidente identifica a responsabilização das vítimas que não se enquadram no perfil apresentado como o ideal.

Em *qualquer*, no excerto (26), há a relação do adjetivo com as manifestações do vírus no corpo de uma pessoa contaminada. Além do mais, o presidente usa-se como um exemplo a ser seguido. Assim, há uma banalização das mortes e sequelas das doenças. Pontua-se que as identificações são construídas a partir do juízo de valor pessoal do enunciador, visto que o embasamento comprobatório empírico e científico não é apresentado.

O recorte (27) expõe informações sobre o controle de transmissão do vírus para pessoas idosas.

(27) Devemos sim é ter extrema preocupação em não transmitir os vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde. (BOLSONARO, 2020b).

No trecho (27), as colocações *devemos sim e ter extrema* avaliam o que precisa ser o foco máximo da população, que promove a identificação de que o grupo dos idosos são os únicos que realmente podem ser acometidos pela doença e ter a morte como desdobramento. No excerto, ocorre o adjunto modal – *não* – o que promove o juízo de valor sobre a não transmissão do vírus. Isso identifica uma responsabilização da população sobre o contágio do público longo.

O excerto (28) aborda o presidente se colocando como exemplo a ser seguido com relação ao seu histórico médico e suas percepções sobre a gravidade da doença. Além da comunicação sobre o desenvolvimento de um tratamento à base de hidroxiclороquina.

- (28) No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar. Nada sentiria ou seria quando muito acometido de uma “gripezinha” ou “resfriadinho” como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença o FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da hidroxicloroquina por tratamento do COVID-19. (BOLSONARO, 2020b).

No segmento (28), Os usos de – *no meu caso particular, meu histórico de atleta* – visa promover uma identificação com o público. Uma vez que o político é um exemplo para a nação por possuir um histórico médico saudável, e isso é o que o deixa seguro em relação a pandemia. Os adjuntos modais *não* e *nada*, apresentam modalização. O primeiro, *não precisaria e nada sentiria*, traz a avaliação pessoal que se vincula ao *histórico de atleta* do presidente. Dessa forma, o presidente constrói a identificação de negação à gravidade do novo coronavírus e promove uma percepção de seleção natural, em que os mais aptos sobrevivem. O presidente ainda caracteriza de maneira negativa a Covid-19 ao fazer o uso de um sufixo diminutivo – *gripezinha e resfriadinho*. Isso identifica a Covid-19 como uma doença banal e superestimada.

O segmento (29) aborda as percepções do presidente sobre o uso da hidroxicloroquina para o tratamento do novo coronavírus.

- (29) Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença o FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da colina por tratamento do COVID-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio fabricado no Brasil. Largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e à artrite. (BOLSONARO, 2020b)

Em (29), o verbo modal *tem* revela uma modulação que projeta seu ponto de vista como universal. Isso devido ao verbo estar relacionado com as notícias sobre um remédio brasileiro. Aqui, há uma alta probabilidade de que eficácia. Junto a isso, ocorre a presença do adjetivo *positivos* que identifica uma percepção de um sucesso no desenvolvimento do remédio e convida à população a aderir ao medicamento.

O fragmento (30) mostra o encerramento do pronunciamento.

- (30) Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença. Aproveito para prestar minha homenagem a todos os profissionais de saúde: médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores, que na linha de frente nos recebem hospitais, nos tratam sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio. Venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse Novo Brasil que tem tudo, sim,

tudo para ser uma grande nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos. Deus abençoe nossa pátria querida.(BOLSONARO, 2020b)

O excerto (30) aparece a colocação verbal no tempo futuro *capacitará* que faz da capacitação dos cientistas serem abstratas. Isso identifica que o meio científico dependerá da vontade divina, ou seja, podem vir a ocorrer ou não. Assim, a responsabilidade direta da administração da pandemia não fica com o presidente. A inserção de *prestar minha homenagem*, é limitada apenas ao grupo de profissionais que atuam na saúde – *sem pânico ou histeria*. Ou seja, há a afirmação avaliativa que essa é a postura desejável por parte dos profissionais da saúde. Em *como venho falando desde o princípio*, traz a identificação de que é recorrente a solicitação de uma abordagem tranquila perante a pandemia.

O vírus aparece imerso em uma *metáfora ontológica*, no qual está ligada à como ele é forte e irá contra sua proliferação é uma batalha. Que identifica, no excerto, que o povo brasileiro sairá vencedor. Em seguida, na mesma passagem, o Chefe do Executivo, coloca em pauta verbos flexionados na terceira pessoa do plural: *estamos juntos, cada vez mais unidos*. Parece que o intuito é promover uma identificação com os brasileiros e colocar em voga um consenso sobre a pandemia. O chefe do executivo encerra o pronunciamento com um discurso religioso: *Deus abençoe nossa pátria querida*.

Isso posto, observa-se que os dados analisados, sob a perspectiva do significado identificacional, apontam a constância de mecanismos discursivos – avaliação e metáfora – a fim de colocar a pandemia com um teor mais brando em que o grupo de preocupação para a ser, único e exclusivamente, o público idoso. A mídia segundo o presidente tem uma postura extremista sobre a pandemia. Além disso, há a colocação de práticas desejáveis para a abordagem da pandemia, isto é, sem pânico ou histeria e ao mesmo tempo preocupar-se com a questão econômica do país, que é mais importante do que a pandemia, visto que a pestilência está sob controle.

5.3 Representações e identificações no pronunciamento do dia 23 de março de 2021

Após um ano de pandemia, o país com mais de 300 mil mortos com base no Boletim Epistemológico (2021), em etapa de supressão e com uma nova variante do vírus *Sars-CoV2*. Nesse cenário, o presidente realizou o pronunciamento do dia 23 de março de 2021, que foi estruturado em abertura, contextualização, exposição das ações do governo e despedida. Aqui, o foco é identificar as representações e identificações presentes no pronunciamento presidencial.

5.3.1 Representações no pronunciamento de 23 de março de 2021

Esta seção trata do estudo das representações e discursos materializados no pronunciamento presidencial de 23 de março de 2021. Salienta-se que este pronunciamento constitui o *corpus* da pesquisa devido ser o primeiro momento em março de 2021 em que o Estado, na figura do Presidente, discorre sobre a pandemia. Inicialmente, há no excerto (31) a apresentação e a contextualização da pandemia

(31) Boa noite! Estamos no momento de uma nova variante do coronavírus, que infelizmente tem tirado a vida de muitos brasileiros. Desde o começo eu disse que tínhamos dois grandes desafios: O vírus e o desemprego. E em nenhum momento o governo deixou de tomar medidas importantes tanto para combater o coronavírus como para combater o caos na economia, que poderia gerar desemprego e fome. (BOLSONARO, 2021)

No segmento (31), ocorre o ator *nós* implícito (*Nós*) *estamos*, indica uma coletivização. No caso, *nós* faz referência a população brasileira. Essa coletivização, por sua vez, representa uma imagem de coletividade e conduz para a representação do *Brasil* como um país que sofria com a aparição de uma outra cepa do coronavírus. A partir da *coletivização* feita atrelada ao verbo “*estar*” flexionado na primeira pessoa do plural, e isso desencadeou perecimento de muitos brasileiros.

O ator *muitos brasileiros* é ativado por generalização. Isso significa, ofuscar a agência ao mesmo tempo que não especifica quais brasileiros formam essa representação de coletividade. O ator *eu disse* refere-se ao presidente, Jair Bolsonaro, em agentividade individual sobre a pandemia. Esse ator é classificado segundo van Leeuwen (2008) como incluído por personalização e representa o posicionamento do presidente sobre os desafios pandêmicos.

O ator *nós* aparece implícito novamente – (*Nós*) *tínhamos* –, o que representa que o povo brasileiro, incluindo o presidente, tinham desafios. Isso ocorre a partir de uma generalização. O *governo* é incluído por funcionalização e é representado como incansável no âmbito da saúde e da economia. No que se refere à significação de palavras, destacam-se *desafios: o vírus e desemprego*. Aulete (2021) coloca *desafio* como uma situação problema que exige um posicionamento firme, o que representa no pronunciamento *vírus e desemprego* como amplamente proporcionais.

O segmento (32) trata das ações do governo no que diz respeito à pandemia.

(32) Quero destacar que hoje somos o quinto país que mais vacinou no mundo. Temos mais de quatorze milhões de vacinados e mais de trinta e dois milhões

de doses de vacina distribuídas para todos os estados da federação, graças às ações que tomamos logo no início da pandemia. Em julho de 2020, assinamos um acordo com a universidade de Oxford para a produção, na Fiocruz, de cem milhões de doses da vacina AstraZeneca e liberamos, em agosto, um bilhão e novecentos reais. Em setembro de 2020, assinamos outro acordo com o consórcio Covax Facility para a produção de quarenta e dois milhões de doses. O primeiro lote chegou no domingo passado e já foi distribuído para os estados. Em dezembro, liberamos mais de vinte bilhões de reais, o que possibilitou a aquisição da Coronavac, através do acordo com o Instituto Butantan. (BOLSONARO, 2021)

Nele o ator *eu* aparece de forma implícita e atrelada a um verbo principal e outro auxiliar (*eu*) *quero destacar*, no tempo presente. Isso ocorre por personalização e representa o desejo do experienciador *eu* (o presidente) em relatar a sua experiência, sobre os feitos do governo durante a pandemia.

O ator *nós* aparece diversas vezes no pronunciamento. No caso de – (*nós*) *somos*, (*nós*) *temos* – é incluído pela coletivização e significa brasileiros. Isso representa uma representação positiva do povo brasileiro como um organismo. Em outros dois momentos *nós* aparece – (*nós*) *assinamos*, (*nós*) *liberamos*, *nós* *liberamos* – e faz referência ao governo, o que no texto representa as ações realizadas pelos membros que formam a gestão para combater a pandemia.

No que tange à significação de palavras destaca-se *ações*. De acordo com Michaelis (2021), no contexto o termo refere-se a feitos realizados pelo governo brasileiro. Essa representação do *governo* configura-se, segundo, a *eternalização*, que age ao esvaziar os resquícios sócio-históricos, através das ações da instituição governo. Dessa maneira, não há margem para questionamentos e se portam como naturais.

Para edificar a legitimação do discurso, o Presidente usa uma das estratégias propostas por Thompson (2002), isto é, a racionalização. Essa técnica surge ao contar com o uso organizado de dados que configuram ações que já foram realizadas pelo *governo*. Logo, é posta uma espécie de reafirmação do que fora declarado com teor de veracidade.

A passagem (33) consta das representações do presidente acerca das ações com respeito à pandemia

- (33) Sempre afirmei que adotaríamos qualquer vacina, desde que aprovada pela Anvisa. E assim foi feito. Hoje, somos produtores de vacina em território nacional. Mais do que isso, fabricaremos o próprio insumo farmacêutico ativo, que é a matéria-prima necessária. Em poucos meses, seremos autossuficientes na produção de vacinas. Não sabemos por quanto tempo teremos que enfrentar essa doença, mas a produção nacional vai garantir que possamos vacinar os brasileiros todos os anos, independentemente das variantes que possam surgir. Neste mês, intercedi pessoalmente junto à fabricante Pfizer para antecipação de cem milhões de doses que serão entregues até setembro de 2021. E também com a Janssen, garantindo 38 milhões de doses para este ano. (BOLSONARO,

2021)

Em (33), há a inserção do ator eu: *(eu) sempre afirmei. O presidente constitui uma representação benéfica para si, que representa a constância do interesse pessoal dele em ter uma vacina aprovada pelo ator Anvisa.*

Ocorre diversas vezes a presença do ator *nós* no futuro do presente do indicativo – *(nós) somos, (nós) fabricaremos, (nós) seremos*. Isso significa que as ações propostas estão dentro de um *locus* abstrato e longe de ser executado e representa uma coletivização ao formar um grupo que é formado pelos brasileiros e o próprio presidente. Nas passagens: *(eu) intercedi pessoalmente junto à fabricante Pfizer (...) E também com a Janssen*. Nesses casos correm a representação do ator social *eu* que se refere ao presidente. Ele se representa como um líder que vai além dos limites que o cargo pode proporcionar.

Destaca-se que além dos atores, o excerto (33) algumas palavras constroem representações, além de corroborarem para a representação dos atores supramencionados. Em termos da categoria significação das palavras há a inserção das palavras: *produtores de vacina, território nacional e matéria-prima*. De acordo com o dicionário Michaelis (2020) produtor significa que é aquele que promove a produção, ou seja, no pronunciamento há a representação do Brasil como um país autossuficiente no que se refere à vacina. Além disso, a colocação de *território nacional* aponta para a região que está sob a jurisdição do governo brasileiro, o que representa uma representação patriótica. Ainda, *matéria-prima* significa, de acordo com o dicionário Aulete (2021), os insumos basilares para a produção de um produto ou bem, que nesse caso específico refere-se à vacina. Isso representa o país com uma autossuficiência na produção de vacinas. Nota-se novamente a legitimação do discurso através da racionalização ao apresentar os dados de ação governamental.

O excerto (34) inicia com um *feedback* sobre as vacinas, há também uma fala de pesar sobre as vítimas da Covid-19 e o encerramento do pronunciamento com recomendações gerais.

- (34) Quero tranquilizar o povo brasileiro e afirmar que as vacinas estão garantidas. Ao final do ano, teremos alcançado mais de quinhentos milhões de doses para vacinar toda a população. Muito em breve, retomaremos nossa vida normal. Solidarizo-me com todos aqueles que tiveram perdas em suas famílias. Que Deus conforte seus corações. Estamos fazendo e vamos fazer de 2021 o ano da vacinação dos brasileiros. Somos incansáveis na luta contra o coronavírus. Essa é a missão e vamos cumpri-la. Deus abençoe o nosso Brasil. (BOLSONARO, 2021)

Em (34), o ator *eu* (*quero tranquilizar e afirmar*) é incluso por personalização. Esse tipo de ator representa uma representação positiva com a tentativa de persuasão sobre o andamento das vacinas. O mesmo ator *eu* (*solidarizo-me com todos aqueles que tiveram perdas em suas famílias*) significa a própria pessoa do presidente. Assim, há a inclusão do ator por personalização. Isso representa incluindo-se naquilo que enuncia, assumindo a posição de estar igualmente afetado.

Ocorre a presença do ator *nós* – (nós) teremos, (nós) retornaremos, (nós) somos – o que representa uma conclamação pela aprovação popular às medidas realizadas pelo governo. Também há o ator *Brasil*, que aparece incluso por nomeação. No pronunciamento isso representa os cidadãos como um só corpo só e ao ter atrelado a si o pronome possessivo reafirma a responsabilidade de todos com a nação. Ou seja, evidencia uma *universalização* dos brasileiros como um organismo, que recebe graças de uma mesma figura religiosa, como se lutar contra o coronavírus também fosse além de um ato religioso.

5.3.2 Identificação do pronunciamento de 23 de março de 2021

Esta subseção trata da análise do significado identificacional no pronunciamento do dia 23 de março de 2021, o qual foi o primeiro pronunciamento oficial do atual presidente, Jair Bolsonaro, no mês de março de 2021. Na seara do significado identificacional, o excerto (35) constituiu identificações de acordo com o posicionamento do presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia.

- (35) Boa noite! Estamos no momento de uma nova variante do coronavírus, que infelizmente tem tirado a vida de muitos brasileiros. Desde o começo eu disse que tínhamos dois grandes desafios: O vírus e o desemprego. E em nenhum momento o governo deixou de tomar medidas importantes tanto para combater o coronavírus como para combater o caos na economia, que poderia gerar desemprego e fome. (BOLSONARO, 2021)

No fragmento (35), há uma polarização negativa com a avaliação: *infelizmente*. Isso avalia negativamente as sequelas da nova variante. Isso demonstra que o presidente se posiciona em seu discurso a partir de uma atitude de ator ciente dos males desencadeados pela pandemia. Posicionam-se, portanto, como piedoso e sensível às mortes. Além disso, o presidente avalia a quantidade de vítimas acometidas pela cepa mais recente a partir do advérbio – *muito* – como demasiada, isso transmite a mensagem da perigosidade dela.

Ainda, há a modalização a partir do recurso léxico-gramatical – *desde o começo* – que é um advérbio modal, no qual demonstra uma reafirmação da postura presidencial com relação à pandemia. Ao colocar a expressão – *dois grandes desafios* – o enunciador parte de

uma afirmação avaliativa do que é desejável ou não, isso aponta para um discurso mercadológico. Em seguida, há a avaliação sobre a postura governamental sobre as medidas de combate ao coronavírus com – *em nenhum momento* – o que direciona o para a negação de uma possível negligência.

Há uma avaliação reincidente da relação entre economia e saúde pública, de modo que se equipara o caos causado pela COVID-19 com o impacto do desemprego. Isso condiciona o público a aceitar medidas que tratem o *vírus e o desemprego* e o *combate ao vírus e o caos na economia* com preocupações proporcionais a fim de deixar a fala mais eloquente. Junto a isso, a *metáfora ontológica* de *desafio* reitera essa visão.

- (36) Quero destacar que hoje somos o quinto país que mais fascinou o mundo. Temos mais de quatorze milhões de vacinados e mais de trinta e dois milhões de doses de vacina distribuídas para todos os estados da federação, graças às ações que tomamos logo no início da pandemia. Em julho de 2020, assinamos um acordo com a universidade de Oxford para a produção, na Fiocruz, de cem milhões de doses da vacina AstraZeneca e liberamos, em agosto, um bilhão e novecentos reais. Em setembro de 2020, assinamos outro acordo com o consórcio Covax Facility para a produção de quarenta e dois milhões de doses. O primeiro lote chegou no domingo passado e já foi distribuído para os estados. Em dezembro, liberamos mais de vinte bilhões de reais, o que possibilitou a aquisição da Coronavac, através do acordo com o Instituto Butantan. (BOLSONARO, 2021)

Inicialmente, há a entrada do advérbio *hoje*, que traz a ideia de atualidade e aponta para uma identificação de que o agora é um saldo advindo da postura do governo. Isso é reafirmado com a inserção de *quinto*, *mais* e *mais que* trazem uma representação positiva do país com relação à vacinação. O uso da *afirmação avaliativa* explícita – *graças* –, todas são apresentadas para destacar as medidas governamentais tiveram sucesso e estabelecem o sentido de que o povo brasileiro deve agradecer ao governo, pois sem ele todo saldo positivo exposto não seria possível.

Em (37), o presidente apresentou as ações do governo sobre a pandemia de coronavírus.

- (37) Sempre afirmei que adotariamos qualquer vacina, desde que aprovada pela Anvisa. E assim foi feito. Hoje, somos produtores de vacina em território nacional. Mais do que isso, fabricaremos o próprio insumo farmacêutico ativo, que é a matéria-prima necessária. Em poucos meses, seremos autossuficientes suficientes na produção de vacinas. Não sabemos por quanto tempo teremos que enfrentar essa doença, mas a produção nacional vai garantir que possamos vacinar os brasileiros todos os anos, independentemente das variantes que possam surgir. Neste mês, intercedi pessoalmente junto à fabricante Pfizer para antecipação de cem milhões de doses que serão entregues até setembro de 2021. E também com a Janssen, garantindo 38 milhões de doses para este ano. (BOLSONARO, 2021)

No excerto (37) há a presença de marcações temporais – *em julho de 2020, setembro de 2020 e em dezembro*. Essas marcações temporais se configuram como avaliações da postura federal. Pois, com isso ocorre a identificação do governo como incessante contra a pandemia.

O uso de *afirmações avaliativas* explícitas como em – *em poucos meses seremos* –, todas são apresentadas para destacar as medidas governamentais tiveram sucesso e estabelecem o sentido de que o povo brasileiro deve agradecer ao governo, pois sem ele todo saldo positivo exposto não seria possível. A circunstância de localização-tempo “*sempre*” em (37) descreve e avalia a participação de Jair Bolsonaro e se coloca de modo positivo quanto ao interesse pela implementação da vacinação no que concerne ao tempo, pois é posta a avaliação que conta com a como constante e confiante. A entrada – *desde que* – apresenta uma condição em referência à Anvisa, que por sua vez é posta como confiável e reguladora responsável pela vacina adotada no país. Já a colocação *mais do que isso*, avalia positivamente a questão de que o país produzirá uma vacina brasileira totalmente brasileira, desde sua produção à aquisição de insumos. Isso representa uma identificação ufanista que agrega a brasilidade da vacina como um sinônimo de qualidade.

Ao colocar – *em poucos meses* – o presidente aponta uma alta escala de intensidade ao buscar promover uma identificação de rapidez na fabricação da vacina. Além disso, há o uso do adjunto modal não – *Não sabemos por quanto tempo teremos que enfrentar essa doença* – essa polarização negativa traz a incerteza que o governo tem sobre o período pandêmico e essa questão dúbia se estende à população. Em seguida, há a conjunção *mas* atrelada ao ator *produção nacional* proporciona uma polarização positiva e coloca a identificação de que esse ator é decisivo para a alteração desse cenário e essa informação se coloca mais importante do que a anterior. Em – *pessoalmente junto* – ocorre a avaliação positiva no qual visa promover uma identificação com o público, concomitantemente, que a realização feita pelo próprio presidente é sinônimo de qualidade.

- (38) Quero tranquilizar o povo brasileiro e afirmar que as vacinas estão garantidas. Ao final do ano, teremos alcançado mais de quinhentos milhões de doses para vacinar toda a população. Muito em breve, retomaremos nossa vida normal. Solidarizo-me com todos aqueles que tiveram perdas em suas famílias. Que Deus conforte seus corações. Estamos fazendo e vamos fazer de 2021 o ano da vacinação dos brasileiros. Somos incansáveis na luta contra o coronavírus. Essa é a missão e vamos cumpri-la. Deus abençoe o nosso Brasil.(BOLSONARO, 2021)

Ademais, o trecho (37) há o uso de afirmação avaliativa – *mais de 500 milhões* – no qual se coloca de modo a construir no imaginário do público de que esse quantitativo seria o número ideal de doses. Ao ter a entrada – *muito em breve* – se coloca como uma avaliação que parte do íntimo do enunciador de que esse tempo seria o desejável para a vida normal. Ocorre a presença de uma metáfora ontológica com *incansáveis na luta*. Assim, o coronavírus é posto como entidade e ter a ideia de uma luta coloca a identificação do vírus com combate, logo isso pressupõe um vencedor e um perdedor, sendo construídos pelo enunciado, respectivamente, o Brasil e o vírus. Ao encerrar o pronunciamento o presidente opta por – *Deus abençoe nosso Brasil* – atrelar ao discurso político um discurso religioso. Isso identifica uma sociedade que é regida pelos valores do cristianismo, mesmo que o país seja laico é essa a identidade construída.

Percebe-se que o pronunciamento em análise, com base no significado identificacional, o enunciador se coloca em constante avaliação positiva, uma vez que é colocado como piedoso, sensível, eficaz e comprometido com a nação desde o marco inicial da pandemia no Brasil. Em conformidade a isso, o governo e seus órgãos são postos como ausentes de negligências da gestão, responsável pela vacinação e de extrema confiança. Nota-se, que a questão pandêmica é posta de modo que em seu cerne duas áreas de preocupação, se destacam, com graus de importância equivalente, a saber: a saúde e a economia. Assim, o discurso de saúde pública atrelado ao mercadológico. A relação com o vírus se coloca como uma luta, a qual o país sairá vencedor. Essa identificação de progresso é instigada com as passagens que tratam sobre a vacinação brasileira, no qual é colocada como suficiente, entretanto, não há indícios de precisão nas afirmações presidenciais. O encerramento do pronunciamento conta com a figura divina sendo responsabilizada pela segurança da nação.

5.4 Encontros entre os pronunciamentos: representações e identificações

Essa subseção visa pontuar as semelhanças e distinções entre os três pronunciamentos que compõem o *corpus* desta pesquisa, visto que o foco é analisar linguístico-discursivamente os pronunciamentos presidenciais sobre a pandemia de COVID-19. Assim, inicialmente foram feitas as identificações de representações, identificações e discursos. Agora, o propósito é investigar as identificações materializadas em pronunciamentos da presidência da república sobre a pandemia de 06 de março de 2020, 24 de março de 2020 e 23 de março de 2021. Para tal, far-se-á o diálogo entre os pronunciamentos e teceremos uma comparação deles, de modo que, apontemos suas semelhanças e distinções.

A partir da análise, há um ponto comum nos três pronunciamentos: “Eu” e “Nós”, que aparecem por individualização e a coletivização. O padrão se dá por conta de que a presença individualizada aparece para representar a figura presidencial de forma positiva uma vez que extrapola os limites do seu cargo. Além disso, o governante se isenta de responsabilidade dentro das ações futuras e se coloca como responsável pelas que já estiveram em curso. Já a coletividade ocorre para promover a divisão da responsabilização da pandemia sobre medidas futuras ou para promover o senso de organismo único para uma aproximação entre o enunciador e seus representados. Isso implica na isenção do estado em questões específicas e que bem convém ao presidente e a identificação de consenso social.

O pronunciamento de 06 de março de 2021 apresenta uma generalização da pandemia como se ocorresse de igual modo em todos os países e ainda propõe uma invisibilidade e omissão de esclarecimentos sobre a pandemia no Brasil. Ao mesmo tempo, o enunciador coloca o vírus como um fato irredutível à nação, assim o coronavírus seria uma consequência comum às demais localidades do globo. Acresce, que o presidente pontua que a abordagem com o vírus deve se dar de forma tranquila, pois apesar de ter-se um cenário árduo. Portanto, a sociedade deveria buscar retornar à rotina habitual, o que revela um interesse mercadológico.

O pronunciamento de 24 de março de 2020 apresenta uma divergência de opinião entre mídia e governo. A imprensa é colocada com uma atitude terrorista por hiperbolizar a pandemia, já o governo, por sua vez, entende que não carece dessa abordagem visto que o grupo mais suscetível à contaminação é minoria no país, isto é, os idosos e a população que não apresenta a mesma condição de saúde que o presidente. Ainda, propõe um relaxamento do isolamento social, simultaneamente, a responsabilização dos outros grupos a não transmitirem o vírus para o mesmo público e a responsabilização do Ministério da Saúde e dos próprios grupos que não apresentam o que o presidente coloca como *histórico de atleta*. Com isso, ocorre a hierarquização da morte com base nos grupos que não se identificam com o ideal presidencial.

Dessa forma, há um discurso que atenta contra a vida da população, principalmente a longeva já que essa recomendação não apresenta fonte explícita. Mais que isso, ocorre a negação da gravidade e abrandamento da pandemia e seus desdobramentos. Ao trazer a público o uso de um remédio à base de hidroxicloroquina o presidente o coloca como uma inovação e solução viável, mesmo que não haja uma comprovação científica. Também, há discordância entre o governo e determinadas autoridades de nível estadual e municipal, mas o enunciador usa do seu poder para indicar uma ordem de unificação de ideias e faz referência

ao período da invasão nazista em território russo, como se o vírus fosse o sistema de Hitler e a Rússia fosse o Brasil. Tendo em conta a forma de resistência soviética que sacrificava a dinâmica capitalista, o presidente pontua que isso seria indesejável, portanto, deve-se pensar em salvaguardar a economia do país. Configura-se uma obstrução às medidas quarentenárias adotadas pelos governadores e prefeitos. Conforme o presidente, o isolamento, pelo viés do capital, proporciona uma estagnação no mercado, consequentemente afeta o setor econômico. Assim, se transmuta em um gargalo que vai contra o desenvolvimento do país.

O pronunciamento do dia 23 de março de 2021 traz uma generalização dos brasileiros em relação às mortes pela nova variante do coronavírus, sem que fique evidente mais informações sobre esse público e ao culpabilizar o vírus omite-se a responsabilidade do Estado. O presidente sugere várias medidas projetadas para o futuro, mas sem uma clareza de quando se darão. Destaca-se que apesar de iniciar o pronunciamento falando sobre a nova cepa, o líder político não desenvolve nenhuma outra colocação além de que ela tem potencial mortal. O pronunciamento fica voltado em supremacia para a vacina nacional, ao qual é atribuído teor patriótico e auto suficiente e a preocupação com a economia. Sobre o primeiro caso, vê-se que à vacina é atribuída a avaliação positiva e posta como desejável, para isso o pronunciamento conta com inúmeros dados quantitativos e qualitativos sobre ela, mas todos sem fonte aparente. A economia novamente é posta ligada à pandemia e evidenciada como uma constante preocupação do governo Bolsonaro.

Pode-se ver que o discurso econômico se sobressai ao político e de saúde pública. O vírus apresenta-se em todos os pronunciamentos como um inimigo da nação e que ao tê-lo em território brasileiro seria equiparável ao cenário de uma disputa. Mesmo assim, apontam para uma busca por tranquilidade no país. Em ambos os períodos, existem promessas para uma superação da pandemia, entretanto, em todos os casos se mostram de formas vagas seja pela execução ou pela imprecisão temporal.

O ator Deus aparece em todos os pronunciamentos como um dos responsáveis pela resolução da pandemia no Brasil, seja por bênçãos ou capacitação de cientistas, o que remonta mais uma vez uma omissão do Estado. É visto, como comum aos textos analisados, que os dados e informações apresentadas pelo presidente partem de uma visão empírica, sem comprovação científica.

Em relação ao significado identificacional, os usos de recursos da modalidade e da avaliação não são justificáveis, visto que a função social do gênero gira em torno da informatividade sobre questões importantes para o público de modo factível à realidade. Como os pronunciamentos foram constituídos com a atribuição de papéis sociais, ocorreram

avaliações e juízos de valor sobre os agentes e ações apresentadas. Além do mais, a presença de adjuntos modais, termos modalizadores e expressões modalizadoras apontaram negações, abrandamentos, declarações, ordens, demandas, ofertas e probabilidades em relação à pandemia. Nota-se a presença de propostas com rigor de obrigatoriedade e são direcionados aos autores que respondem ao governo, mas nunca a ele próprio. Destaca-se que, de modo geral, as ações propostas são imprecisas e não direcionam como poderão vir a serem exequíveis.

7 ALGUMAS REFLEXÕES

A linguagem não é algo puramente individual; é carregada de sentidos, subjaz uma ideologia.” (SOUZA, 2015. p. 58)

Neste trabalho, ocorreu a descrição, bem como a interpretação de dados selecionados de três pronunciamentos do presidente da república sobre a pandemia no canal do Youtube do Palácio do Planalto, a partir do viés crítico-discursivo e da análise socialmente orientada.

Este objeto de pesquisa é relevante, pois os pronunciamentos de pessoas com cargos no executivo e no legislativo federal apontam para a construção de pensamento de uma nação, uma vez que esses indivíduos assumem o posto de figuras de poder. Em específico, a análise

possibilitou uma reflexão crítica sobre o tipo de enfrentamento ao problema de saúde pública constituído pelo presidente Jair Bolsonaro.

O tema sobressaltou-me aos olhos, sobretudo por conta da quantidade exponencial de vítimas da doença no país, que no delinear dessa pesquisa contava com aproximadamente 300 mil mortos. No que concerne ao pronunciamento presidencial, em suma, é concebido como um dos meios oficiais de comunicação de assuntos de interesse público, por isso há uma alta amplitude de disseminação, ainda mais por estar em uma plataforma de *stream*. Assim, o Governo Federal utilizou do gênero discursivo pronunciamento para comunicar à população a questão da pandemia de Covid-19.

O problema de pesquisa, destacado neste trabalho, versa, assim, ao estudo de representações e identificações linguístico-discursivas configuradas nos discursos presidenciais sobre a pandemia com um recorte anual. A partir desse problema, deu-se a investigação dos pronunciamentos com vistas a desvelar relações assimétricas de poder que são, por vezes, ratificadas em textos oficiais.

Perante os objetivos de pesquisa, teço algumas considerações acerca dos resultados alcançados no estudo. O pronunciamento do presidente, seja em março de 2020 ou em março de 2021, tem em si as marcas da minimização do impacto da pandemia, da inclusão do governo pelo agente *nós*, que é estratégica visto que oscila entre uma representação de união entre povo e Estado ou a exclusão da responsabilidade estatal. Ainda, ocorre a sobreposição constante de discursos políticos, religiosos e econômicos em prol da manutenção de ideologias particulares, que fomenta a eugenia.

Desse modo, nota-se que há um desmazelo por parte do presidente da república com medidas preventivas da doença; uma banalização da pandemia, das mortes e sequelas advindas do contágio; a incitação à exposição; questionamento sobretudo a dimensão pandêmica; embargo às medidas de contenção. Tudo isso demonstra como uma propaganda contra a saúde pública por parte do chefe do executivo, visto que o interesse econômico se destaca em todos os pronunciamentos.

Vale pontuar que, de acordo com Arendt (1998), decisões dentro de um cenário como o da pandemia deveria partir de um amplo debate, haja vista que é uma ação política. Mas o que se vê é a prevalência de uma perspectiva unilateral por parte do presidente da república do que seria o desejável para o mercado, ou seja, comércios abertos para alimentar o sistema capitalista.

A pesquisa, pode contribuir para trabalhos futuros, que anunciem no estudo do *locus* político-social, pormenoriza projetos sobre gêneros oficiais da esfera política. É mister que haja produções científicas que olhem para as práticas sociais e vislumbra elucidar e reduzir as disparidades de poder no âmbito social. Tudo isso, para que a vida dos brasileiros seja mais consciente e contem com a reflexividade sobre o que seus líderes políticos priorizam em suas ações de governo. O povo, não raro, é submetido a interesses pessoais como coletivos. Também, a individualização é mais do que um recurso argumentativo nos gêneros, mas também um discurso de autoridade que tem por si só, visto. Dessa maneira, é válido investigar os pronunciamentos presidenciais brasileiros.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **O que é política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BARRETO, R. de M. M.; GUIMARÃES, R. de F. G. G. **Discurso político, mídia e ideologia**: direito à informação e direito à saúde na pandemia da Covid-19. Rio de Janeiro: Confluências, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/42806/25371>. Acesso em: 22. abr. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Atos do Poder Executivo. **Decreto nº 10.211, de 30 de janeiro de 2020**. Dispõe sobre o Grupo Executivo Interministerial de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional e Internacional - GEI-ESPII. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.211-de-30-de-janeiro-de-2020-240646239?inheritRedirect=true&redirect=%2Fweb%2Fguest%2Fsearch%3Fsecao%3Ddou1%26data%3D31-01-2020%26qSearch%3DGei>. Acesso em: 1. jan. 2021.

_____. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963.** Aprova o Regulamento dos Serviços de Radiodifusão. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d52795.htm>. Acesso em: 1. jan. 2021.

_____. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria Nº 188, de 3 de fevereiro de 2020.** Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23. dez. 2020. p. 30.

_____. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epistemológico da semana 10, 01-07/03/20.** Brasília, mar, 2020. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 29. dez. 2020.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epistemológico da semana 13, 22-28/03/20.** Brasília, mar, 2020. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 29. dez. 2020.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epistemológico da semana 12, 21-27/03/20.** Brasília, mar, 2020. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 29. ago. 2021.

_____. **Portaria Nº 188, de 3 de fevereiro de 2020.** Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23. dez. 2020. p. 30.

_____. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 14.035, de 11 de agosto de 2020.** Dispõe sobre procedimentos para a aquisição ou contratação de bens, serviços e insumos destinados ao enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus, responsável pelo surto de 2019. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/114035.htm>. Acesso em: 1. jan. 2021.

_____. **Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011.** Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Disponível em . Acesso em: 03 out. 2014.

_____. Palácio do Planalto. **Pronunciamento do presidente da República Jair Bolsonaro (06/03/2020):** <https://www.youtube.com/watch?v=fnJov5K1BSw>. Acesso em: 25. mar. 2021.

_____. **Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro (24/03/2020):** https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE. Acesso em: 25. mar. 2021.

CARRO-CHEFE. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: MICHAELIS. Disponível em:

<<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/CARRO-CHEFE/>>. Acesso em: 22. nov. 2020.

CASTRO, R. **Boletim Extraordinário do Observatório Covid-19 Fiocruz**. Agência de informações Fiocruz. 03. mar. 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/observatorio-covid-19-aponta-maior-colapso-sanitario-e-hospitalar-da-historia-do-brasil>. Acesso em: 1. jan. 2021.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity**: Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999

CONTRAMÃO. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: MICHAELIS. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/CONTRAMAOL/>>. Acesso em: 22. nov. 2020.

DESAFIO. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: MICHAELIS. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/desafio/>>. Acesso em: 22. nov. 2020.

ENFERMIDADE. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/enfermidade>>. Acesso em: 30. nov. 2021.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança social**. Brasília: Ed. UNB, 2001.

GUIMARÃES, D. J. G. M. **O verdadeiro papel da política**. Diálogos Puc Minas. Minas Gerais, n. 14, ago. 2016. Disponível em: <https://www.revista.pucminas.br/materia/o-verdadeiro-papel-da-politica/>. Acesso em: 21. jan. 2021.

GRÜNE, C. **Participação cidadão na gestão pública**: a experiência da Escola de Samba de Mangueira. São Paulo: Saraiva, 2012.

_____. **An Introduction to Functional Grammar**. 2 nd edition. Londres: Arnold, 1994

HOCH, P. A.; RIGUI, L. M.; SILVA, R. L. da. **Desafios à concretização da transparência ativa na internet, à luz da lei de acesso à informação pública**: análise dos portais dos Tribunais Regionais Federais. Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global. v. 1, n. 2, jul.dez/2013 p. 257-286. Disponível em . Acesso em: 18 out. 2021.

KRESS, G. **Against arbitrariness**: the social production of the sign as a foundational issue in critical discourse analysis. *Discourse & society*, v.4, n.2, 1993, p. 169-191.

_____. VAN LEEUWEN, T. **Reading Images**: The Grammar of Visual Design. London: Routledge, 1997, 2006

_____. **Linguistic Processes in Sociocultural Practice** Oxford: Oxford University Press, 1989.

LAKOFF, G e JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LIMA-NETO, V. de; NOBRE, K. C. **Comodificação Discursiva nas Redes Sociais**. 2012.

MAINGUENEAU, D. **Ethos, cenografia, incorporação**. In AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005

MENDES, G. F; FORSTER JÚNIOR, N. J. **Manual de Redação da Presidência da República** – 2.ed. rev. E atual. – Brasília. Presidência da República, 2002.

OLIVEIRA, M. F. de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. 2011. 72 p. Pós graduação – Universidade Federal de Goiás, Catalão: UFG, 2011.

Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde no Brasil. **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizado como pandemia**. 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>>. Acesso em: 06. nov. 2021.

PÂNICO. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: AULETE. Disponível em: <<https://aulete.com.br/p%C3%A2nico>>. Acesso em: 22. nov. 2020.

PARABÉNS. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: MICHAELIS. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/PARAB%C3%89NS/>>. Acesso em: 22. nov. 2020.

PRESENTE. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: MICHAELIS. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/PRESENTE/>>. Acesso em: 22. nov. 2020.

PRODANOV, C. C. ; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

REFORÇO. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/REFOR%C3%87O>>. Acesso em: 30. nov. 2021.

RAMALHO, V. M.; RESENDE, V. **Análise de discurso (para a) crítica**: O texto como material de pesquisa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RESENDE, V.; RAMALHO, V. M. **Análise de discurso (para a) crítica**: O texto como material de pesquisa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

_____. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2019.

RIGO, Joanir Fernando. **Rádiodifusão no Brasil**: períodos, modelos e funções. 2018. 201 f. Dissertação (Mestrado em Direito)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SANTOS, E. **Pronunciamentos de Posse de Michel Temer antes e depois do impeachment**: uma análise discursiva e microtextual. Brasília: UnB, 2016.

SOARES, M. Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Ciberultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

SOUZA, C. A. L. de. **Discursividades em um plano de desenvolvimento agrário**: facetas de práticas sociais (re)produzidas. 2015. 300 f., il. Tese (Doutorado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

UNIÃO. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: AULETE. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/uni%C3%A3o>>. Acesso em: 22. nov. 2020.

VAN LEEUWEN, T. **Discourse and Practice**: New Tools for Critical Discourse Analysis. New York: Oxford University Press, 2008.

WERNECK, G. L. ; CARVALHO, M. S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro**, v. 36, n. 5, e00068820, Abr. 2020. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1036/a-pandemia-de-covid-19-no-brasil-cronica-de-uma-crise-sanitaria-anunciada>. Acesso em 27. nov. 2021.

WODAK, R. **Do que trata a ADC** – Um resumo de sua história, conceitos importantes e seu desenvolvimentos. *Linguagem em (Dis)curso-LemD*, Tubarão, v. 4, n.esp, 2004.

ANEXOS

Anexo A: Pronunciamento presidencial de 06 de março de 2020.

Boa noite! O mundo enfrenta um grande desafio. Nos últimos meses surgiu um vírus novo, contra o qual não temos imunidade. Os casos se iniciaram na China, mas o vírus já está presente em todos os continentes. O Brasil reforçou o seu sistema de vigilância em portos, aeroportos e unidades de saúde e foi o primeiro país da América do Sul a lidar com a enfermidade. Desde então transmitimos informações diárias, transparentes a todos os estados e municípios para que cada um organize, da melhor forma, o atendimento à população. O Governo Federal vem prestando orientações técnicas a todos os Estados, por intermédio do Ministério da Saúde. Os demais ministérios uniram esforços e, juntos aos demais poderes

seguiram garantindo o funcionamento das nossas instituições até o retorno à normalidade. Determinei ações que ampliam o funcionamento dos postos de saúde, bem como reforço aos nossos hospitais e laboratórios. Convoco a população brasileira, em especial os profissionais de saúde, para que trabalhemos unidos e superemos juntos essa situação. O momento é de união. Ainda que o problema possa se agravar, não há motivo para pânico. Seguir rigorosamente as recomendações dos especialistas é a melhor medida de prevenção. Que Deus nos proteja e abençoe o nosso Brasil.

Anexo B: Pronunciamento presidencial de 24 de março de 2020.

Boa noite! Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, numa operação coordenada pelos ministérios da defesa e relações exteriores, surgiu para nós o sinal amarelo. Começamos a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois sabíamos, que mais cedo ou mais tarde, ele chegaria ao Brasil. Nosso ministro da saúde reuniu-se com quase todos os secretários de saúde dos estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído, e desde então o doutor Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas, mas o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria e ao mesmo tempo traçar a estratégia para salvar vidas o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos, grande parte dos meios de comunicação foram na contramão e espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália, um país com um grande número de idosos e com o clima totalmente diferente do nosso o cenário perfeito potencializado pela mídia para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país.

Contudo, percebe-se que, de ontem para hoje, parte da imprensa mudou o seu editorial: Pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom! Parabéns, imprensa brasileira! É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós. O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar! Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado! Devemos, sim, voltar a normalidade!

Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de “Terra arrasada”, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. O que se passa no mundo têm mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos sessenta anos, então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de quarenta anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se

contamine. Devemos sim é ter extrema preocupação em não transmitir os vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde. No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar. Nada sentiria ou seria quando muito acometido de uma “gripezinha” ou “resfriadinho” como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença o FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da colina por tratamento do COVID-19.

Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio fabricado no Brasil. Largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e à artrite. Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença. Aproveito para prestar minha homenagem a todos os profissionais de saúde: médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores, que na linha de frente nos recebem hospitais, nos tratam sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio. Venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse Novo Brasil que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos. Deus abençoe nossa pátria querida.

Anexo C: Pronunciamento presidencial de 23 de março de 2021.

Boa noite! Estamos no momento de uma nova variante do coronavírus, que infelizmente tem tirado a vida de muitos brasileiros. Desde o começo eu disse que tínhamos dois grandes desafios: O vírus e o desemprego. E em nenhum momento o governo deixou de tomar medidas importantes tanto para combater o coronavírus como para combater o caos na economia, que poderia gerar desemprego e fome. Quero destacar que hoje somos o quinto país que mais fascinou o mundo. Temos mais de quatorze milhões de vacinados e mais de trinta e dois milhões de doses de vacina distribuídas para todos os estados da federação, graças às ações que tomamos logo no início da pandemia. Em julho de 2020, assinamos um acordo com a universidade de Oxford para a produção, na Fiocruz, de cem milhões de doses da vacina AstraZeneca e liberamos, em agosto, um bilhão e novecentos reais. Em setembro de 2020, assinamos outro acordo com o consórcio Covax Facility para a produção de quarenta e dois milhões de doses.

O primeiro lote chegou no domingo passado e já foi distribuído para os estados. Em dezembro, liberamos mais de vinte bilhões de reais, o que possibilitou a aquisição da Coronavac, através do acordo com o Instituto Butantan. Sempre afirmei que adotariamos qualquer vacina, desde que aprovada pela Anvisa. E assim foi feito. Hoje, somos produtores

de vacina em território nacional. Mais do que isso, fabricaremos o próprio insumo farmacêutico ativo, que é a matéria-prima necessária. Em poucos meses, seremos autossuficientes suficientes na produção de vacinas. Não sabemos por quanto tempo teremos que enfrentar essa doença, mas a produção nacional vai garantir que possamos vacinar os brasileiros todos os anos, independentemente das variantes que possam surgir.

Neste mês, intercedi pessoalmente junto à fabricante Pfizer para antecipação de cem milhões de doses que serão entregues até setembro de 2021. E também com a Janssen, garantindo 38 milhões de doses para este ano. Quero tranquilizar o povo brasileiro e afirmar que as vacinas estão garantidas. Ao final do ano, teremos alcançado mais de quinhentos milhões de doses para vacinar toda a população. Muito em breve, retomaremos nossa vida normal. Solidarizo-me com todos aqueles que tiveram perdas em suas famílias. Que Deus conforte seus corações. Estamos fazendo e vamos fazer de 2021 o ano da vacinação dos brasileiros. Somos incansáveis na luta contra o coronavírus. Essa é a missão e vamos cumpri-la. Deus abençoe o nosso Brasil.